



INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO
Universidade Técnica de Lisboa

COMPONENTES DA IDENTIDADE E SIMBOLISMO

*ARTE PÚBLICA E EVENTOS NO ESPAÇO PÚBLICO DO NÚCLEO ANTIGO
DE VILA FRANCA DE XIRA*

CARINA ISABEL LOUREIRO TRIGUEIROS

DISSERTAÇÃO PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE EM

Arquitectura

Júri:

Presidente: Professor João Rosa Vieira Caldas

Orientador: Professor Pedro Filipe Pinheiro de Serpa Brandão

Vogal: Professor Jorge Manuel Gonçalves

Outubro 2012

RESUMO ANALÍTICO

Com a globalização torna-se necessário que as cidades apresentem características que as distingam das outras, e é através da identidade e da imagem da cidade que se transmite aos potenciais consumidores as mais-valias existentes nos lugares.

Cada cidade tem componentes que constituem a sua identidade, como a arte pública, os eventos, o espaço público, os edifícios e outros elementos, que variam consoante as estratégias adoptadas e as suas particularidades.

O tema deste trabalho é: as componentes da identidade e simbolismo, e para tal escolheu-se como caso de estudo o núcleo histórico de Vila Franca de Xira.

Os objectivos são analisar e compreender a definição de identidade da cidade e o que está a ser feito a nível nacional e internacional para a criar ou reforçar, estudar o caso de estudo e os seus componentes de identidade, e tirar conclusões que possam servir de apoio a projectos futuros de espaço público com qualidade.

A primeira parte consiste numa abordagem teórica baseada numa investigação bibliográfica, em que se pretende definir os conceitos ligados à identidade e seus componentes, e na análise de Barcelona como exemplo internacional e Almada como exemplo nacional.

A segunda parte consiste na análise do caso de estudo, e é composta por uma breve história da cidade, seguida da categorização e análise dos elementos identitários de Vila Franca de Xira. Foram também elaboradas fichas temáticas referentes aos elementos das várias categorias.

Conclui-se que apesar de todos os componentes terem a sua relevância, podem ter diferentes valias em cada caso, e não têm de ser forçosamente elementos formais a reforçar a identidade, porque o seu valor está no simbolismo.

Palavras-chave: **Identidade, Espaço Público, Arte Pública e Simbolismo.**

ABSTRACT

With globalization, it is necessary that cities have the characteristics that distinguish from the other, and it is through the identity and image of the city that is transmitted to potential consumers the gains in existing locations.

Each city has components that constitute its identity as public art, events, public space, buildings and other elements that vary depending on the strategies adopted and their particularities. The theme of this work is the components of identity and symbolism, and it was chosen as a case study the historical core of Vila Franca de Xira.

The objectives are to analyze and understand the definition of the city's identity and what is being done nationally and internationally to create or strengthen it, analyze the case study and its components of identity, and draw conclusions that can serve as support future projects of quality public space.

The first part consists of a theoretical approach based on research literature, which is intended to define the concepts related to identity and its components, and the analysis of Barcelona as an international example and Almada as an national example.

The second part consists of an analysis of the case study, and consists of a brief history of the city, then the categorization and analysis of identity elements of Vila Franca de Xira. Topic sheets were also prepared by thematic elements relating to the various categories.

It is concluded that despite all the components have their relevance, may have different value in each case, and need not necessarily to be formal elements to enhance identity because its value is in the symbolism.

Keywords: Identity, Urban Space Public Art and Symbolism.

ÍNDICES

ÍNDICE GERAL

Introdução.....	7
Capítulo I – Enquadramento	10
I.1 O estado da arte	10
I.2 Os conceitos da identidade da cidade;.....	17
I.3 Contextualização internacional	21
I.4 Contextualização nacional	27
Capítulo II - Caso de estudo: Núcleo Antigo de Vila Franca de Xira	32
II.1 Breve história da cidade.....	32
II.2 Elementos Identitários de interesse em Vila Franca de Xira	36
II.2.1 A Arte Pública	37
II.2.2 O Espaço Público.....	42
II.2.3 Os Edifícios Marcantes.....	45
II.2.4 Os Eventos	51
II.2.5 Os Outros Elementos Importantes para a Identidade da Cidade	56
II.2.6 A Estrutura Associativa e As Instituições Identitárias.....	60
II.2.7 A Toponímia e as Personagens	63
II.2.8 A Imagem e A Iconografia.....	64
Conclusões	66
Referências Bibliográficas.....	71
Anexos.....	74

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1 – Nova Iorque – EUA: Uma imagem reconhecível.	11
Fig. 2 – Torre Eiffel – Paris, França: Um elemento de comunicação, passível de interpretação.	12
Fig. 3 – Castelo de Guimarães: Uma imagem da memória colectiva.	13
Fig. 4 – Praça do Comércio – Lisboa: Espaço público palco de eventos variados.	15
Fig. 5 – Porto: Em Gaia as caves de vinho do porto constituem um tema estratégico.	16
Fig. 6 – Castelo de S. Jorge, Lisboa: Bem cultural, património colectivo.	18
Fig. 7 – Vila Franca de Xira, o rio Tejo, a Ponte e as Lezírias: a relação frontal entre a cidade e o seu território, produtor de identidade.	20
Fig. 8 – Vila Olímpica – Construída como uma residência para os atletas participantes nos Jogos Olímpicos de 1992, mais tarde tornou-se num novo bairro da cidade.	22
Fig. 9 – La Pedrera, Barcelona: elemento identitário.	23
Fig. 10 – Vista da Rambla, a partir da Praça da Catalunha: elemento identitário.	24
Fig. 11 – Busca através do mapa disponível no site.	25
Fig. 12 – Exemplo de ficha disponível no site.	26
Fig. 13 – Santuário de Cristo Rei, Almada: elemento de atracção.	27
Fig. 14 – Monumento à Liberdade, localizado no Parque Urbano Comandante Júlio Ferraz.	28
Fig. 15 – Sítio da internet onde é possível fazer uma visita virtual por duas rotas de arte pública, em Almada.	29
Fig. 16 – Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea.	30
Fig. 17 – Vila Franca: gravura do século XIV.	32
Fig. 18 – Vila Franca de Xira, no século XVII: gravura do italiano Pier Maria Baldi.	33
Fig. 19 – Gravura popular representando a Vilafrancada.	34
Fig. 20 – Alves Redol e os Neo-Realistas de Vila Franca, num passeio de barco no Tejo (anos 40).	35
Fig. 21 – Monumento ao Campino.	38
Fig. 22 – Monumento ao Forcado.	39
Fig. 23 – Alves Redol (1911-1969).	40
Fig. 24 – Pelourinho e Praça Afonso de Albuquerque.	40
Fig. 25 – Muro da Identidade: elementos informal da arte pública em Vila Franca.	41
Fig. 26 – Jardim Municipal Constantino Palha.	42
Fig. 27 – Cais de Vila Franca de Xira.	43
Fig. 28 – Parque Urbano de Vila Franca de Xira.	44
Fig. 29 – Estação Ferroviária de Vila Franca de Xira.	46
Fig. 30 – Mercado Municipal de Vila Franca de Xira.	47
Fig. 31 – Praça de Toiros Palha Blanco.	48
Fig. 32 – Museu do Neo-Realismo.	49

Fig. 33 – Celeiro da Patriarcal.	50
Fig. 34 – Desembarque da Santa no Cabo da Lezíria e posterior romaria a cavalo até à Ermida de Nossa Senhora de Alcamé: A Lezíria e o Tejo são protagonistas.	52
Fig. 35 – Fado na Semana da Cultura Tauromáquica, na Praça Afonso de Albuquerque.	53
Fig. 36 – José Van Zeller Pereira Palha (1895 - 1978): criador do Colete Encarnado.	54
Fig. 37 – Pratos típicos do município: Torricado com bacalhau e Dobrada à Vila Franca.	54
Fig. 38 – Largada de Toiros entre a Estação Ferroviária e a Praça de Toiros, no Espaço Público.	55
Fig. 39 – Barco Varino “Liberdade”.	57
Fig. 40 – Rio Tejo: O estuário, e as suas actividades.	57
Fig. 41 – Inauguração da Ponte Marechal Carmona em Vila Franca de Xira (1951).	58
Fig. 42 – Tertúlias: (à esquerda) Palha Blanco e (à direita) A Padroeira dos Campinos.	60
Fig. 43 – Escola de Toureio José Falcão.	61
Fig. 44 – Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira: comemorações dos 80 anos (2012).	61
Fig. 45 – Placa de identificação da Rua António Palha: personagem marcante.	63
Fig. 46 – Toiros, Neo-Realismo, Desporto, Rio Tejo – temas de um cartaz publicitário.	64
Fig. 47 – Brasão de Vila Franca de Xira (1922).	65
Fig. 48 – Logotipo da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira.	65
Fig. 49 – Capa de um boletim “Saber & Lazer” responsabilidade da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.	65

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Elementos escolhidos da categoria Arte Pública	37
Tabela 2 - Elementos escolhidos da categoria Espaço Público.....	42
Tabela 3 - Elementos escolhidos da categoria Edifícios Marcantes	45
Tabela 4 - Elementos escolhidos da categoria Eventos.....	51
Tabela 5 – Elementos escolhidos da categoria Outros Elementos Marcantes.....	56
Tabela 6 – Elementos escolhidos da categoria Estrutura Associativa e Instituições Identitárias	60

INTRODUÇÃO

APRESENTAÇÃO DO TEMA E OBJECTIVO CENTRAL

O tema da presente dissertação – Componentes da Identidade e Simbolismo. Arte Pública e Eventos no Espaço Público do Núcleo Antigo de Vila Franca de Xira – consiste numa análise de várias componentes da identidade das cidades, como o espaço público e as formas da sua apropriação, a arte como símbolo que contribui para a identificação do lugar, bem como outros elementos como os eventos, as personagens e instituições identitárias e a paisagem envolvente.

O objectivo central é, portanto, compreender em que consiste a identidade das cidades e avaliar os seus componentes.

O caso de estudo escolhido para o estudo do elenco dos conceitos e componentes da identidade é a cidade de Vila Franca de Xira, mais precisamente o núcleo antigo, onde se centram os principais pontos de interesse e onde se realizam os eventos mais significativos para a construção identitária.

JUSTIFICAÇÃO E MOTIVAÇÃO

A escolha deste tema deve-se à necessidade de melhor compreender os factores constitutivos da identidade das cidades e perceber o que pode ser feito para melhorar os aspectos identitários do espaço público que no fundo é o coração da cidade. É importante compreender como o espaço público influencia e melhora ou piora toda a vivência da cidade e quais são só factores que devemos ter em conta para que os projectos contribuam para a identidade urbana.

A cidade de Vila Franca de Xira foi escolhida como caso de estudo por motivações pessoais, é uma cidade que conheço bem e é interessante tentar perceber quais são os elementos mais persistentes e como influenciam a sua identidade a partir do Espaço Público e seu uso quotidiano ou excepcional e também elementos imateriais recorrentes.

OBJECTIVOS

Cada vez mais é necessário que os lugares tenham identidade própria, porque as cidades crescem e desenvolvem-se rapidamente e é preciso que existam pontos de referência marcantes, e elementos que as distingam umas das outras.

Os objectivos traçados a partir do objectivo central, foram:

- a) Analisar e compreender a definição de Identidade da Cidade e o que está a ser feito a nível nacional e internacional para criar ou reforçar a identidade das cidades;
- b) Estudar o caso do núcleo antigo de Vila Franca de Xira, como exemplo de cidade em que a identidade está associada à representação e simbolismo do espaço, aos eventos, e à arte pública, num determinado contexto territorial;
- c) Perceber até que ponto a identidade está bem definida pelos elementos que a compõem e nomeadamente pelas intervenções recentes;
- d) Tirar conclusões críticas que possam servir de apoio a projectos futuros de espaço público com qualidade.

ESTRUTURA E CONTEÚDOS

Para chegar a essas conclusões são necessárias várias etapas e são elas:

- a) O estado da arte: conhecimento actual sobre o tema em estudo;
- b) Enquadramento;
- c) Compreensão do conceito da identidade da cidade;
- d) Desenvolvimento da identidade da cidade ao longo dos tempos;
- e) Contextualização internacional;
- f) Contextualização nacional;
- g) Caso de estudo: Núcleo Antigo de Vila Franca de Xira;

METODOLOGIA

A primeira parte do trabalho, é de carácter teórico, centrando-nos num número restrito de obras e autores, mas suficiente para melhor compreensão dos conceitos fundamentais para que depois seja possível analisar no caso de estudo, procedendo aí à recolha de informação, bibliografia específica e dados históricos para proceder á sua análise e interpretação do simbolismo presente no espaço público.

A segunda parte é dedicada ao caso de estudo: uma análise de vários elementos que compõem a identidade da cidade de Vila Franca de Xira, de modo a compreender os aspectos que são mais relevantes ou marcantes, no domínio físico das obras de arte pública ou de outras intervenções, de simbolização ou estetização dos ambientes em que estão inseridas, dos eventos que consagram essa iconografia, das personagens, e outros elementos identitários.

Os elementos escolhidos são elementos que se destacam na imagem da cidade, e que são reconhecidos como parte integrante na vida da cidade. Pretende-se estudá-los através de documentos disponíveis em arquivos municipais e bibliotecas, e também através de análise empírica da sua presença no espaço público ou da sua tradução em toponímias ou outros suportes comunicacionais.

Para a elaboração de fichas de cada elemento foi feito trabalho de campo, registo fotográfico dos elementos estudados, e este trabalho será compilado num conjunto de fichas anexas com as principais informações de cada elemento, como data de construção, autores, localização, descrição e integração no espaço.

Como conclusão pretende-se através do resultado prático do caso de estudo perceber como no futuro se pode criar identidade através do espaço público.

CAPITULO I

ENQUADRAMENTO

I.1 O ESTADO DA ARTE

Para poder compreender os conceitos em análise foi necessária uma pesquisa bibliográfica dos vários autores de referência no tema. Surgiram várias perguntas que estão relacionadas tanto com os conceitos em si próprios como com a sua relação e que poderão estar na origem à pergunta central da investigação:

- O que é a identidade da cidade?
- Pode-se criar uma identidade ou temos de procurar encontrar uma já existente?
- Quais são os elementos principais na sua constituição?
- Pode o espaço público transformar a cidade e proporcionar-lhe identidade?
- A arte pública ou os eventos são independentes entre si? E são suficientes para criar ou fortalecer a identidade da cidade?
- E a imagem é apenas uma questão de marketing ou é preciso ter em atenção os significados reais das iconografias e narrativas?
- Serão a base para uma resposta àquelas perguntas, que permitirão obter algumas conclusões sobre a identidade da cidade e a sua importância na representação do espaço?

Alguns autores debruçaram-se sobre este conceito e existem várias perspectivas que devem ser tidas em conta, a partir das referências iniciais de Lynch e Rossi.

Um autor que se destaca no estudo da cidade é Kevin Lynch, e o seu estudo debruçou-se sobre vários aspectos da arquitectura e do urbanismo. *A IMAGEM DA CIDADE* (1960) consiste numa análise de vários aspectos das cidades e dos elementos que a compõem, fazendo também um estudo que analisa e descreve três cidades americanas: Boston, Los Angeles e Jersey City.

Kevin Lynch escreveu “*Os elementos móveis de uma cidade, especialmente as pessoas e as suas actividades são tão importantes como as suas partes físicas e imóveis [...]*” (Lynch, 1960), o que leva a concluir que os espaços que se tornam marcantes na cidade podem ser definidos pelas pessoas que o utilizam e pela forma como o utilizam, além das condições que lhes são fornecidas aquando do seu desenho.

Para este autor a cidade é uma “arte” temporal mas que ao contrário de outras artes temporais como a música, não é constituída por sequências controladas e limitadas, porque cada pessoa e cada situação faz com que tudo se altere, e seja diferente a cada experiência. O movimento impõe a necessidade de orientação.

A definição da imagem da cidade depende da capacidade de memorizar os locais e a recordação de experiências passadas com os significados distintos que cada um atribui.



Fig. 1 – Nova Iorque – EUA: Uma imagem reconhecível.

Fonte:

<http://www.positiveimpactmagazine.com/positive-impact-cities/new-york-new-york/>

É sugerido que se pode reforçar a imagem da cidade “*quer através de projectos simbólicos, quer através do exercício contínuo do receptor, quer através da remodelação do ambiente de cada um*”. (Lynch, 1960)

Uma das conclusões deste estudo é que “*parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de imagens de muitos indivíduos. Ou talvez haja uma serie de imagens públicas, criadas por um número significativo de cidadãos*”. (Lynch, 1960)

Em *PLANIFICACION DEL SITIO* (1980) o mesmo autor incide nos lugares e nas suas características e/ou significados.

O estudo dos lugares leva à conclusão que o homem é afectado directamente através dos seus sentidos, visão, olfacto, tacto, paladar e audição, ou seja, cada lugar e cada pessoa tem uma diferente percepção sensorial. Outro aspecto é que existem certas partes dos lugares que são identificáveis e devem estar organizadas por forma a que qualquer observador as relacione com outras e assim possa compreender a sua estrutura de organização no tempo e no espaço.

O autor identifica o meio ambiente como um elemento importante na relação entre as suas partes físicas mas também como elemento de comunicação, visto que é passível de interpretação, servindo de motivação para prosseguir à exploração do espaço.



Fig. 2 – Torre Eiffel – Paris, França: Um elemento de comunicação, passível de interpretação.

“A experiência sensorial de um lugar é em essência espacial, é a percepção do volume de ar que rodeia o observador, experimentado pela visão, audição e tacto. Assim quando o espaço exterior, como o arquitectónico, se torna palpável com a luz, o som é definido pela sua envolvente acima, sobre, sob, tem a as suas próprias características particulares. Estas características vão ter implicações fundamentais na arte do planeamento do sítio.” (Lynch, 1980)

Pode-se concluir que os lugares precisam de ter uma identidade compreensível, através da sua percepção clara, reconhecível, memorável, e atrair a atenção, para se poderem diferenciar dos outros lugares.

O outro autor de referência, no estudo dos significados da cidade foi Aldo Rossi, que dedicou a sua carreira de arquitecto a pesquisar e afirmar a arquitectura como uma ciência. *A ARQUITECTURA DA CIDADE* (1994) faz parte dessa pesquisa.

Neste estudo evidencia-se que é necessário perceber *“como as pessoas se orientam dentro da cidade, a evolução e formação do seu sentido de espaço”*. (Rossi, 1994)

Aldo Rossi afirma que as dificuldades em descrever, por vezes, um objecto urbano, tem origem na ambiguidade de linguagem porque cada pessoa tem uma experiência diferente com cada edifício,

bairro ou rua. Conclui então que cada artefacto urbano tem sempre significados diferentes para cada pessoa conforme a sua vivência com o mesmo.

“A alma da cidade’ torna-se a história da cidade, os sinais nas paredes do município, o caracter distinto e definitivo da cidade, a sua memória.” (Rossi, 1994)

Assim, um aspecto importante é a “memória colectiva” dos cidadãos, que faz parte da cidade e está associada a objectos, edifícios e lugares. O autor conclui que *“A cidade é o lugar da memória colectiva”*. A “memória colectiva” tem um papel importante na transformação do espaço seja como expressão agrupada de memórias individuais, seja como representação de valores presentes na obra do colectivo.



Fig. 3 – Castelo de Guimarães: Uma imagem da memória colectiva.
Fonte:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/>

No artigo *SYMBOLISME DE L'ESPACE PUBLIC ET IDENTITÉE SOCIALE* (1999) de Enric Pol e Sergi Valera, sugerem uma reflexão sobre como a identificação com a cidade é como a identificação com as pessoas, ou seja, acontece através de características comuns que facilitam a interacção. Tal como para identificar as pessoas são utilizados estereótipos, características físicas e sociais, às cidades também são atribuídas características para que se tenha uma imagem da cidade, como parques, ruas, edifícios públicos, e também esculturas, mobiliário urbano, pontes, etc. Estes são os elementos que permitem que as pessoas se identifiquem com a cidade e que o seu nível de satisfação seja elevado, porque caso contrário o cidadão não se identifica e acabar por deixar a cidade.

No mesmo artigo é referido que as intervenções na cidade quando são vistas como gratuitas pelos cidadãos, ou se vão contra as suas referências, ou ainda se na sua opinião não trazem nada de novo para a identidade ou para o que é mais valorizado e desejável, estes além de não se identificarem, alienam-se do espaço e ficam contra o processo de transformação do espaço.

Os autores referenciam dois elementos que se podem tornar símbolos representativos da identidade social urbana – derivada essencialmente da pertença a grupos sociais, socioprofissionais, étnicos, religiosos, etc. – que são *“o nome da categoria social urbana com a qual é identificada e definida uma área específica do ambiente urbano, e os lugares definidos cujas características peculiares são reconhecidas como representativas da dita categoria urbana, ao mesmo tempo que simbolizam algumas dimensões relevantes para a dita categorização.”* (Pol e Valera, op.cit., 1990)(t.a.)

Conclui-se que um espaço simbólico urbano será um elemento da estrutura urbana com capacidade de simbolizar uma ou mais dimensões relevantes da categoria social do grupo com o qual é identificado, e são essas características que fazem com que os outros grupos não se identifiquem com o espaço ou com as suas dimensões categóricas.

Em Portugal a referência ao Espaço Público como matriz da urbanidade é divulgada a partir de Nuno Portas em *A CIDADE COMO ARQUITECTURA* (1969), onde se propõem métodos para estudar a arquitectura da cidade através do tipo e da forma. São abordados temas como a continuidade espacial, que permite a convivência entre a cidade antiga e nova, mantendo a identidade; a malha urbana regular, e a importância do vazio.

Podemos destacar duas linhas de estudo sobre a forma urbana em Portugal. Uma a partir da morfologia do espaço físico e a outra através do Espaço Público e seu uso, como estruturantes da cidade.

José Lamas em *MORFOLOGIA URBANA E DESENHO DA CIDADE* (2004) pretende explicar o desenho da cidade a partir da sua morfologia, o que se traduz num estudo sobre vários aspectos da dimensão, geometria e outros elementos que são importantes para a definição da identidade da forma urbana. Foi estudado o sistema de orientação e a sua importância para o conhecimento da cidade através de elementos de referência, com importância, que permitem ao homem orientar-se na cidade.

Estes “sistemas de referência”, que segundo o autor funcionam como um “sexto-sentido”, são marcos ou monumentos, zonas ou bairros, traçados e nós.

Finalmente é abordado o sistema visual, *“É sem dúvida o sistema que foi mais estudado no conhecimento do meio urbano, porque sem dúvida é através da visão que se constrói a parte mais importante da imagem da cidade. No entanto, o sistema visual de observação do espaço urbano, pressupõe o movimento e a apreensão do espaço em sequência visual”.* (Lamas, 2004)

Outra linha que estuda a cidade e as suas características identitárias “fundadoras” é Pedro Brandão. Em *O CHÃO DA CIDADE – GUIA DE AVALIAÇÃO DO DESIGN DO ESPAÇO PÚBLICO* (2002) reconhece-se que as características identitárias de um local resultam da forma como as pessoas se relacionam com o próprio local: *“Os locais memoráveis são aqueles que traduzem uma interacção equilibrada entre o*

homem e o meio, ostentando uma identidade singular que as pessoas reconhecem facilmente". (Brandão, 2002)

A experiência do Espaço Público é assim considerada como suporte de vivência urbana e dos significados temporais mais alargados do espaço urbano.

O papel do espaço público na identidade dos lugares e na apropriação colectiva é considerado decisivo no domínio do simbolismo atribuído ao espaço público. Tendo em conta vários elementos como a toponímia, a estrutura dos traçados, a arquitectura, os monumentos e os meios de comunicação, constrói-se uma "narrativa" de diferenciação que facilita ou emula a sua apropriação colectiva.

Assim em *A IDENTIDADE DOS LUGARES E A SUA REPRESENTAÇÃO COLECTIVA* (2008) refere-se o papel simbólico que o espaço público desempenha em momentos que lhe ficam associados e a partir daí o espaço acolhe e retransmite a identidade. O acontecimento, o evento, passa a ser visto como elemento da construção cíclica da identidade (festividades, épocas do ano...).



Fig. 4 – Praça do Comércio – Lisboa:
Espaço público palco de eventos
variados.

Fonte: <http://www.pcp.pt>

Por fim em *SENTIDO DA CIDADE* (2011), Pedro Brandão afirma que *"O papel do espaço público em lugares em transformação será, por vezes, o de projectar uma imagem de como se reconstituirá a sua identidade"*. (Brandão, 2011)

O autor faz referência às qualidades do espaço público como aspectos definidores da identidade futura, ou de "projecto" como contributo para a valorização dos lugares.

Refere-se ainda neste livro que os lugares vão sendo transformados pelo homem através dos novos significados que lhes vai atribuindo novos significados e a identidade vai sofrendo alterações o que indica que a identidade de um lugar é um processo de construção, que pode ser estrutural ou superficial. *"Incluem-se frequentemente nas obras de espaço público objectivos de qualificação*

estética e simbólica para a construção de uma nova imagem ou a valorização da sua identidade prévia, como uma espécie de city beautiful.” (Brandão, 2011)

Outro aspecto considerado pelo autor é a marca, que as cidades pretendem criar a partir da sua imagem para utilizar na promoção diferenciando-se da concorrência, e essa marca não se reduz apenas a um logotipo ou outras representações gráficas porque para ser um factor de atracção importante a imagem tem de ser credível, coerente, simples e apelativa, para demonstrar que essa cidade se diferencia de outras.



Fig. 5 – Porto: Em Gaia as caves de vinho do porto constituem um tema estratégico.

Fonte: <http://www.flickr.com>

“O espaço público é sempre um factor decisivo, porque a identidade, a urbanidade e a interactividade são as suas qualidades.” (Brandão, 2011)

O autor afirma poder-se delinear uma estratégia a partir do espaço público que apoiada no existente ajude a chegar a uma identidade desejada.

I.2 OS CONCEITOS DA IDENTIDADE DA CIDADE;

O conceito de identidade da cidade é muito vasto e difícil de definir, mas tendo em conta os vários estudos de vários autores podem-se tirar algumas conclusões.

Vários aspectos ligados à identidade têm de ser considerados na tentativa de estabelecer parâmetros para que seja possível melhorar a relação do espaço público com a cidade e consequentemente a relação com os seus habitantes.

Para compreender a importância da identidade da cidade é necessário compreender qual seu papel na cidade, e nos seus habitantes.

Os lugares têm a particularidade de serem vividos por cada pessoa de maneira diferente, gerando uma recordação de um momento e por acumulação de várias vivências e memórias recorrentes, criam sentimentos de pertença e identificação. Além dessas memórias pessoais mas também colectivas, ainda existem as memórias associadas à história do próprio lugar que muitas vezes é marcado por um acontecimento que o torna especial e por isso é objecto de narrativas. A memória colectiva, segundo Pedro Brandão, "(...) é *construída em "camadas"; cada individuo tem uma memória individual e outra colectiva (...)*" (Brandão, Sentido da Cidade , 2011). Esta memória é constituída da vivência pessoal com determinado espaço ou elemento que em determinado momento da vida se tornou significativo, e por outro lado também provem das histórias que são contadas e passadas de geração em geração. Os lugares que são memoráveis, quer pela positiva quer pela negativa, como refere a arqueóloga M^a Miguel Lucas, responsável pelo sector do património da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, "*A história, as memórias associadas ao espaço vivido, são a base essencial para a construção de um discurso de identidade sobre um lugar*" (Lucas, 2003) e por vezes o espaço é pensado e projectado para um fim mas a apropriação do espaço é feita de outras formas e essa torna-se a identidade desse lugar. O mesmo acontece com as cidades, os planos são elaborados para que tenha determinada identidade, definida em geral pelos órgãos administrativos e políticos, mas como afirma M^a Miguel Lucas "*A cidade é uma contínua experiência de vida, sempre intuída, raramente consciencializada*". (Lucas, 2003)

A identidade de um lugar está muitas vezes associada ao património e este conceito inclui a ideia de "herança paterna", ou de "bens de família", mas no caso da cidade aplica-se melhor a ideia de "bem cultural". E o património é, em geral, conservado e preservado para contar uma história, e como afirma João Couceiro "*O património desempenha assim um papel importante na formação da nossa memória colectiva*" (Couceiro, 1998). Além disso o conceito de património é muito vasto e abrange vários tipos de monumentos ou lugares.

Fig. 6 – Castelo de S. Jorge, Lisboa:
Bem cultural, património colectivo.

Fonte:
http://www.shiadohostel.com/castello_pt.html



Esses elementos marcantes servem como sistema de referência, o que permite que façam parte de estratégias das organizações responsáveis pelo desenvolvimento das cidades. As cidades precisam de se promover para que sejam mais apelativas aos seus habitantes e visitantes, e para isso contam com uma série de atributos, que sendo positivos e atractivos geram interesse e identificação. Cada espaço, seja ele marcado com arte pública, com elementos arquitectónicos, ou como espaço destinado a eventos é um ponto de referência e tanto os bens culturais como espaços marcantes que distinguem uma cidade de outra, são fundamentais para fomentar a percepção e orientação na cidade, *“A importância do sistema de orientação é grande no conhecimento da cidade, embora tenha sido esquecido por tratadistas e geógrafos urbanos”* (Lamas, 2004).

A identidade também está associada a sentimentos de nostalgia por parte dos cidadãos, que quando vivem muito tempo no mesmo lugar, têm uma relação intensa com o aspecto físico da cidade, e gera reacções nem sempre positivas quando se faz alguma alteração. É por isso que por vezes, por exemplo, desaparece uma rua ou em edifício e se faz menção do seu nome ou significado.

Esta associação também se faz por “costume”: quando se utiliza frequentemente um espaço cria-se um hábito, uma associação sentimental com o lugar e o seu passado. Por vezes o lugar tinha como objectivo um uso quando foi planeado, mas pelas suas características acaba por funcionar de outra forma que se adapta melhor às necessidades actuais ou ao valor do lugar, noutra perspectiva.

A arte pública como elemento é importante para a identidade da cidade em todas estas possibilidades: a) pontua os lugares com marcas do lugar; b) serve como elemento de atração; c) e também de orientação; d) constrói narrativa; e) constitui herança; f) reflecte experiências; g) é memória; h) elemento estético; i) e simbólico.

OS EVENTOS

Apesar de se conseguir nomear e descrever elementos que fazem parte da identidade da cidade, é difícil definir com precisão todo o âmbito do conceito de forma válida e consensual. Cada protagonista pode ter uma definição completamente diferente de acordo com a sua visão e os seus interesses. No caso dos “utilizadores” a identidade é algo que permite a sua ligação com a experiência dos lugares, por outro lado no caso dos “administradores” a identidade é um elemento de atracção que deve ser usado para aumentar o interesse pela cidade. No caso dos “técnicos” que projectam os espaços, para eles a identidade é algo que permite que existam linhas directivas para que os projectos vão de encontro às pretensões normativas ou comerciais. É importante alargar o tema relacionando os elementos físicos da identidade, com os elementos mais imateriais.

Os acontecimentos que marcam os lugares e promovem a identidade são os eventos. É importante para a cidade que existam eventos de vários tipos e que se criem motivos de interesse comum ou de algum grupo social. Alguns eventos são resultado de tradições antigas ou em homenagem a pessoas ou outros acontecimentos relevantes, e outros são criados para promover os lugares, como em eventos de lazer, desportivos, festivos, culturais.

Quando se sente a necessidade de promover as cidades recorre-se frequentemente à criação de um simbolismo gráfico, através de logotipos e outros suportes que servem para publicitar de forma mais atractiva os aspectos mais distintivos, como por exemplo os eventos, as datas importantes, os espaços e a arte pública. Esses elementos formam a marca e são parte de uma imagem da cidade que, ou já existia por si própria ou que é criada para melhor difundir o que de bom existe e é um aspecto importante para a competitividade da cidade em relação a outras, conferindo-lhe imagem excepcional. Mas há também beste plano, elementos comuns, que se podem relacionar com a identidade local por estarem enraizados no quotidiano e/ou no território.

O TERRITÓRIO E OS EVENTOS

Assim, no caso dum território envolvente duma cidade, que mantem com ele uma relação com significados específicos essenciais, das actividades da sua população (da cultura rural, industrial, da actividade da pesca ou das minas, entre outras) os elementos ligados à identidade são “naturais” mas em certa forma “exteriores”. Frequentemente serão ligados a eventos cíclicos que evocam memórias de acções colectivas (colheitas, festas) ou individuais (“heróis”).

Tais eventos são recordados no espaço da cidade em que têm lugar e/ou que são de uso comum – o Espaço Público.

Esta ligação, entre os componentes da identidade (espaço público, eventos, território) e os elementos que os significam ou representam fisicamente ou imaterialmente, será determinante em

vários contextos, que adiante se exemplificam, ilustrando as formas de cultivar e operacionalizar medidas, a partir do Espaço Público.



Fig. 7 – Vila Franca de Xira, o rio Tejo, a Ponte e as Lezírias: a relação frontal entre a cidade e o seu território, produtor de identidade.

Fonte: <http://www.cm-vfxira.pt>

I.3 CONTEXTUALIZAÇÃO INTERNACIONAL

Qual a actualidade da “Identidade Urbana” como estratégia?

Com a globalização as cidades apresentam cada vez mais os mesmos serviços e características. É preciso que a imagem da cidade transmitida aos seus potenciais consumidores (habitantes e visitantes, investidores...) se baseie em valias e percepções positivas, que já existam e que tornam esse lugar único no mundo.

A crescente concorrência entre cidades faz com que seja necessário pensar em estratégias para aumentar a competitividade de cada uma, e para isso por todo o mundo são efectuados planos de marketing das cidades. Esses planos são em geral elaborados por ordem das entidades responsáveis pela administração das cidades e são compostos de vários elementos como a criação de uma marca, a fortificação da imagem da cidade, a realização de eventos, e a instalação de arte pública em locais estratégicos, e posteriormente a divulgação de todas estas medidas.

Por todo o mundo se verifica o gradual aparecimento dessas medidas e nomeadamente em algumas cidades europeias tem-se feito sentir a importância de marcar a identidade das cidades.

Noutra escala, de cidades “nascentes” ou “periféricas”, a estratégia de identidade pode visar a sua promoção a um nível de visibilidade superior. Por isso os dois casos que apresentamos ilustram esta actualidade.

BARCELONA

A cidade de Barcelona, é a capital da Catalunha, e a segunda maior cidade de Espanha.

O primeiro grande evento organizado em Barcelona foi a Exposição Universal de 1888, foi visitada por mais de dois milhões de pessoas durante 245 dias, e a partir desse momento a cidade ganhou um novo reconhecimento internacional. Ao mesmo tempo surgiu o estilo Art Nouveau Catalão, não só presente na arquitectura, mas também na arte e na literatura. Este movimento dominou o panorama artístico da cidade especialmente durante a primeira década do século XX, período esse que coincidiu com um crescimento urbano significativo, resultando na adopção desse estilo em muitas casas burguesas.

Outro momento em que Barcelona reforçou o seu estatuto, foi na Exposição Internacional de 1929, em que aconteceram, como na primeira Exposição, grandes transformações urbanísticas. A Exposição foi um legado intangível para a cidade de Barcelona.

Durante o século XX a cidade sofreu mais transformações urbanas, após a restauração da Câmara Municipal Democrática na primavera de 1979, altura em que a essência para a reconstrução da cidade foi a revitalização e reequilíbrio dos seus bairros.

No entanto o momento de maior transformação urbana da cidade ocorreu nos anos oitenta e início dos anos noventa motivado pela realização dos Jogos das XXV Olimpíadas. Além da construção da Vila Olímpica, toda a cidade se viu transformada através de um plano que se iniciou anos antes das Olimpíadas, e que pretendia dar à cidade novas qualidades não só desportivas, mas também culturais, logísticas e infra estruturais. Desse plano fazia parte a organização urbana da frente marítima de Poblenou, a expansão do aeroporto, melhorias na rede ferroviária incluindo a preparação para receber o comboio de alta velocidade, e as estruturas necessárias para receber as Olimpíadas. Com todas estas alterações também os bairros da cidade sofreram mudanças e foram melhorados. Esta foi uma operação de grande sucesso e impulsionou a reabilitação de centros históricos de outros distritos espanhóis. Dos cerca de 10 bilhões de euros investidos apenas 10% foram para a construção de estádios e de outras infra estruturas desportivas, a maior parte foi utilizada para a remodelação da cidade, como vias, ruas e redes de saneamento.

Fig. 8 – Vila Olímpica – Construída como uma residência para os atletas participantes nos Jogos Olímpicos de 1992, mais tarde tornou-se num novo bairro da cidade.

Fonte: <http://www.bcn.cat/>



Depois dos Jogos Olímpicos, a cidade de Barcelona voltou a sofrer uma renovação, impulsionada pelas alterações que se haviam sucedido anteriormente. O tecido urbano foi repensado e alterado e essa intervenção passou, nos anos seguintes a servir como modelo com base no diálogo entre os sectores público e privado, e entre a administração e os cidadãos, através da sua participação activa.

Além de albergar os grandes eventos internacionais, o esforço para melhorar a qualidade de vida nos bairros da cidade foi a principal característica da transformação urbana de Barcelona.

Os responsáveis pela imagem e identidade da cidade perceberam a importância de criar novos elementos icónicos, que poderiam marcar a paisagem urbana e do imaginário colectivo, e por isso

encarregaram os maiores nomes da arquitectura internacional para ficar a cargo das grandes obras que se efectuaram na cidade.

Um elemento importante da identidade da cidade de Barcelona é o turismo, porque ajuda a tornar a cidade reconhecida, e porque os turistas fazem parte da paisagem urbana. Quando se fala de Barcelona, vêm à ideia os elementos mais marcantes, como La Pedrera, a Casa Batló ou a *Rambla*, cheios de turistas que visitam os locais mais conhecidos. Em Barcelona tornou-se muito importante a imagem da cidade, que neste caso é baseada na valorização do seu património histórico e na promoção da modernidade, especialmente em design e arquitectura.



Fig. 9 – La Pedrera, Barcelona: elemento identitário.
Fonte: <http://www.lapedrera.com/>

Barcelona é hoje uma das cidades mais agradáveis do mundo por causa do desejo de projectar o seu espaço urbano. Sem acabar com os carros, os planeadores conseguiram criar uma cidade para pedestres, e também para os ciclistas.

Para poder competir com outras cidades europeias e não só, Barcelona continua a investir em infra estruturas, segurança, saúde e vida, na sua identidade cultural, o que aumenta a sua capacidade de atrair muitas pessoas uteis e altamente qualificados de diversas áreas.

Actualmente, com uma crise a fazer sentir-se mundialmente, não há a possibilidade de recorrer aos grandes nomes da arquitectura internacional, e assim Barcelona concentra-se em fortalecer a sua identidade através de reforçar o existente, reinventando. O turismo de grandes massas também está a ser questionado, levando a uma diversidade de locais de atracção.

Fig. 10 – Vista da Rambla, a partir da Praça da Catalunha: elemento identitário.

Fonte: <http://www.bcn.cat/>



É necessário que a imagem e identidade da cidade cheguem a um maior número de pessoas possível, para que cresça o interesse e possa aumentar o turismo por exemplo, e isso é essencialmente feito através de páginas na internet que contêm todo o tipo de informação, e que permitem tanto os visitantes como os habitantes, estarem sempre informados sobre a cidade e tudo o que acontece nela.

O SITE ART PUBLIC

Existem várias páginas dedicadas a Barcelona, com um pouco da sua história, dos seus atributos, e mais-valias para quem as procura. As novas tecnologias da informação e comunicação fazem hoje parte das estratégias de construção da identidade. Este facto é particularmente relevante em Barcelona por conjugar a Arte Pública, como conteúdo, com a intenção comunicativa.

A Câmara Municipal de Barcelona é responsável por uma dessas páginas que consiste num inventário, em forma de catálogo virtual, das esculturas e outras obras de arte situadas no espaço público da cidade de Barcelona.

As obras catalogadas são obras de Arte Pública, e a maioria são património público, algumas são de propriedade privada e outros fazem parte de jardins que foram transformados em espaços públicos, mas todas são todos elementos da representação e identidade da cidade.

Na página da internet estão representadas e descritas 1455 composições, subdivididas em 2226 trabalhos individuais, e através das suas características é possível perceber e acompanhar a evolução da escultura da Catalunha, assim como a sua história. Neste catálogo estão presentes alguns monumentos que já não existem, mas que foram marcantes, assim como contribuições artísticas em infra estruturas, como o Metro, e elementos colocados em cemitérios, ou placas de lembrança, e também peças de mobiliário urbano monumental.

Apenas não inclui monumentos não construídos, mesmo que exista documentação disponível sobre eles, nem esculturas presentes nas fachadas de edifícios públicos.

A organização do catálogo é feita em nove capítulos, que correspondem aos períodos de desenvolvimento distinto da cidade, e cada capítulo começa com um pequeno contexto histórico.

Cada obra ou grupo tem um cartão de catálogo com os dados técnicos, uma parte sobre a sua história e outras histórias relacionadas, e também um comentário de opinião pessoas sobre a obra, feito por um de 270 escritores espanhóis de várias áreas que colaboram com este catálogo. As obras têm também na sua ficha notas bibliográficas, introdução à iconografia e fotografias das obras, como também notas bibliográficas sobre os artistas e autores dos comentários. No cartão há também informação sobre outras obras de arte nas proximidades e sobre como chegar às mesmas de transportes públicos.

Além da disposição em capítulos por períodos, também é possível fazer pesquisas específicas, tanto no mapa da cidade, como através do nome do artista, data, o bairro onde está inserido ou algumas palavras-chave.

Esta página oferece ainda a possibilidade de interação com o usuário que pode cooperar, dando novos dados ou corrigindo algum pormenor das fichas, assim como relatando danos nas obras de arte.

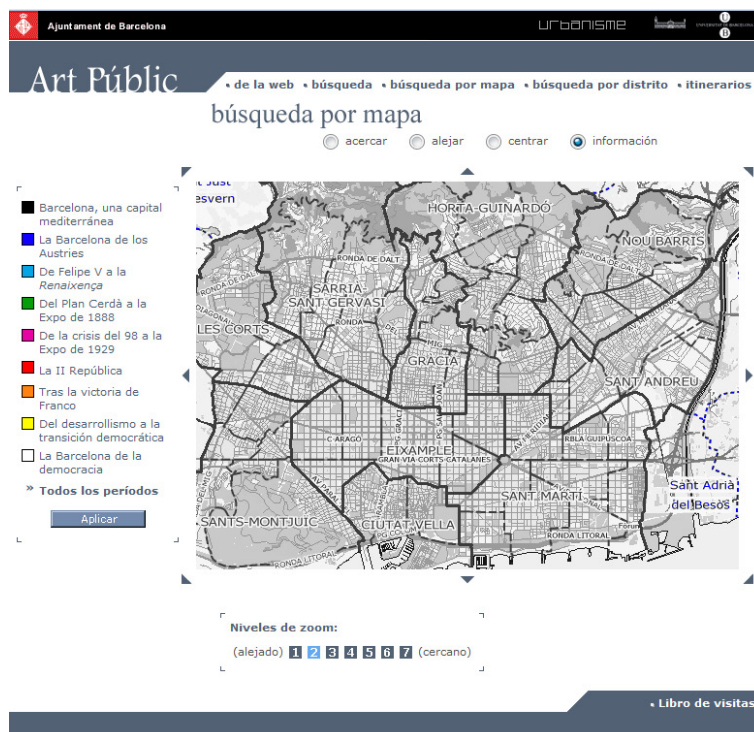


Fig. 11 – Busca através do mapa disponível no site.

Fonte:

<http://w10.bcn.es/APPS/gmocata>

- Barcelona, una capital mediterránea
- La Barcelona de los Austrias
- De Felipe V a la Renaixença
- Del Plan Cerdà a la Expo de 1888
- De la crisis del 98 a la Expo de 1929
- La II República
- Tras la victoria de Franco
- Del desarrollismo a la transición democrática
- La Barcelona de la democracia

Del Plan Cerdà a la Expo de 1888

Imprimir 

Parque de la Ciutadella / La Exposición de 1888

Escuts del Castell dels Tres Dragons
Escudos del Castell dels Tres Dragons
1888, 1927

Código 111017 - 1



Emplazamiento

- Passeig de Picasso, 5 -Parc de la Ciutadella-

Autor

- Dibujos: **Alexandre de Riquer** y **Joan Llimona** (1888), **Pius Font i Quer** y **Joan Baptista Aguilar-Amat** (1927)
 Escultor: **Antoni Vilanova**
 Ejecución: **Alfons Juyol Bach** (1888), **González Hermanos** (1927)
 Arquitecto: **Lluís Domènech i Montaner**

Materiales

- cerámica

Dimensiones

- h (en metros):
2,40

Iconografía

Bibliografía

Colección

- Ayuntamiento de Barcelona

CRÓNICA

El edificio del restaurante de la Exposición Universal de 1888 en el Parque de la Ciutadella es una obra pre-modernista del arquitecto Lluís Domènech i Montaner. Se construyó sobre el solar del antiguo café del parque. Las obras comenzaron en septiembre de 1887, solo medio año justo antes de que comenzara la Exposición. El 8 de abril, día de la inauguración, todavía no estaban acabadas y no se pudo abrir al público hasta el 17 de agosto, con la dimisión, por medio, de Domènech i Montaner como arquitecto responsable.

Acabada la Exposición, el edificio, conocido ya popularmente como "castell dels tres dragons" [el castillo de los tres dragones], fue destinado a diversas utilidades museísticas, que convivieron con la escuela municipal de música hasta que esta se pudo trasladar al nuevo edificio de la calle del Bruc.

Fue museo sucesivamente museo de historia, de arqueología, de biología y de ciencias naturales. Durante la guerra estuvo cerrado y sufrió algunos daños por los bombardeos franquistas. De 1942 a 1945 fue comedor de Auxilio Social y después sobrevivió con pocos recursos como Museo de Zoología, hasta que en los años ochenta empezó un proceso de rehabilitación que, bajo la dirección de los arquitectos Cristian Cirici, Pep Bonet y Carles Bassó, lo ha dejado en su aspecto actual.

Para decorar la fachada, Domènech i Montaner previó un friso de más de un centenar de escudos blancos en los que habría dibujos alusivos a lo que se servía en el restaurante. El poco tiempo de que se dispuso fue la causa de que en 1888 solo se pusiesen la mitad de los escudos previstos, todos centrados en bebidas, sobretudo alcohólicas, que cualquiera podía consumir en el restaurante.

Cada uno de los escudos está formado por doce piezas de cerámica repartidas en cuatro filas de tres piezas cada una. Hacen 2,40 metros de alto. Son de forma irregular y el ancho, que no es igual en todos, es de un metro de mediana. Los dibujos que hay miden 1,90 de altura, es decir que son personas de tamaño natural. No sabemos quien decidió los temas que debían figurar en cada uno.

Para ejecutar el modelado de los escudos y los dibujos que irían se convocó un concurso al que se

» Ubicación en el plano

» Como ir

Obras próximas

Fig. 12 – Ejemplo de ficha disponible no site.
 Fonte: http://w10.bcn.es/APPS/gmocataleg_monum/

I.4 CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL

ALMADA

Almada é o principal concelho, em termos populacionais, da Margem Sul da Área Metropolitana de Lisboa.

Neste caso retemos que no contexto duma escala metropolitana os diferentes núcleos periféricos procuram afirmar as suas diferenças e competem até com o centro histórico por uma maior afirmação diferenciada da sua identidade. No caso de Almada podemos ver como esta estratégia passa pela Arte Pública.

Em Almada foram desenvolvidos, recentemente, projectos que se basearam na reabilitação de antigas zonas industriais ribeirinhas, onde se desenvolviam actividades ligadas à cortiça, moagem, conservas, pesca, construção e reparação naval, através da intervenção no espaço público.

Anualmente, são organizados diversos momentos culturais que vão desde exposições, espectáculos de rua, iniciativas no Teatro Municipal ou actividades para os mais novos. A sua proximidade a Lisboa, as praias, e o Santuário de Cristo Rei, atrai um grande número de visitantes.



Fig. 13 – Santuário de Cristo Rei, Almada: elemento de atracção.
Fonte: <http://www.flickr.com>

A Câmara Municipal de Almada tem prosseguido os objectivos estabelecidos após o 25 de Abril de 1974, para as várias fases do desenvolvimento concelhio, em campos tão variados como acção social, ambiente, cultura, educação, inovação, segurança, urbanismo, associativismo, arte pública, desporto, habitação, saúde, transito e mobilidade e enquadramento.

Almada só começou a contar com obras de arte no espaço público após a Revolução do 25 de Abril de 1974, especialmente a partir de 1990, quando o Poder Local assumiu que queria intervir no território urbano de forma a dar-lhe significado. Foi nessa década que alguns dos ideais do concelho

foram traduzidos em obras de arte e colocados no espaço público. Dos mais recentes destacam-se o Monumento ao Trabalho (*José Aurélio, 1993*), o Monumento ao Associativismo Popular (Virgínia Fróis, 1994), o Monumento à Vida (Sérgio Vicente, 1996-97), o Monumento à Paz (José Aurélio, 1999-2000), e o Monumento à Liberdade (Jorge Vieira, 1999), este último inaugurado no âmbito das comemorações dos 25 anos do 25 de Abril. Estes são apenas algumas das cerca de 50 obras de arte pública de artistas mais ou menos consagrados e com grande projecção no domínio das artes plásticas contemporâneas em Portugal, distribuídas por todo o concelho. Esta medida pretende estimular a criação artística, ao mesmo tempo que qualifica o espaço urbano público. É também objectivo enunciado o de promover, afirmar e divulgar a identidade da cidade “eternizando”, no espaço e no tempo, temáticas, valores e ideias colectivas importantes, tais como evocações da resistência, iconografias alusivas ao trabalho, valor da Paz, Liberdade, entre outros, que também têm eco na toponímia e outros elementos simbólicos presentes no espaço público.



Fig. 14 – Monumento à Liberdade, localizado no Parque Urbano Comandante Júlio Ferraz.
Fonte: <http://www.jf-almada.pt/?c=3&sc=5&p=22>

Assim os habitantes ou visitantes do concelho podem ao percorrer as suas ruas, explorar uma galeria de arte ao ar livre, onde temas como a paz, a liberdade ou a vida, por exemplo, são evocados através da arte pública.

Almada está também envolvida no projecto de investigação “Museu Virtual Europeu de Arte Pública. Sistemas de Informação e Gestão de Arte Pública”, coordenado por António Remesar, projecto que pretende construir um instrumento de promoção e divulgação da arte pública.

Em 2004, a Câmara Municipal de Almada associou-se com uma iniciativa informal impulsionada pela Universidade de Barcelona, criada em 1994 e chamada PAUDO – Public Art and Urban Design

Observatory. A Carta de Almada resultou de uma reunião dessa iniciativa na Casa da Cerca em 2006, e o documento consiste numa base que enuncia os princípios e objectivos dos parceiros envolvidos que são, a Câmara Municipal de Almada, a Câmara Municipal de Barcelona, a Câmara Municipal de Saragoça, o Consórcio La Mina (Sant Adrià de Besòs, Barcelona), a Faculdade de Belas Artes de Lisboa / Universidade Técnica, a Universidade de Barcelona, a Universidade Complutense de Madrid e o Observatório Aragonês de Arte Pública.

Com o intuito de promover a cidade e as suas valências e potencialidades, a Câmara Municipal compôs um roteiro virtual, onde propõe duas rotas. Uma dessas rotas é “almada e o rio” que sugere um percurso pela zona ribeirinha, recuperada pela Autarquia, com a intenção de devolver o rio às pessoas. Nesse percurso o visitante pode ficar a conhecer espaços antigos e modernos da zona histórica da cidade que também foi reabilitada. A outra rota “percurso de arte pública” é descrita como percurso de turismo cultural, ao longo do qual se podem admirar obras que imortalizam valores e memórias de Almada.



Fig. 15 – Sítio da internet onde é possível fazer uma visita virtual por duas rotas de arte pública, em Almada.
Fonte: <http://www.m-almada.pt/VisitasVirtuais/RoteiroTuristico/>

No contexto de uma política municipal no plano cultural e de gestão urbanísticas, podemos verificar o papel de algumas instituições na ampliação do alcance da Arte Pública.

Casa da Cerca

A Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, existe em Almada desde 1993, e tem como objectivo a divulgação das Artes Plásticas, através de práticas culturais contemporâneas. O centro organiza regularmente exposições assim como algumas actividades paralelas, que contribuem para afirmar o município de Almada como centro de cultura e mostrando a sua apetência como centro de eventos e acontecimentos culturais.

Um dos elementos importantes da Casa da Cerca é o Centro de Documentação e Investigação Mestre Rogério Ribeiro, onde se recolhe e organiza informação em torno da Arte Contemporânea, concentrando-se sobretudo na arte portuguesa. É dirigido essencialmente para estudantes universitários e investigadores, mas está aberto a toda a comunidade educativa.

As áreas temáticas que são focadas são as artes plásticas, a arquitectura, o design, a fotografia, a arte pública e a banda desenhada.



Fig. 16 – Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea.

Fonte: http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/CASA_CERCA/CERCA/?cer=1&actualmenu=4222189&cerca_casa_da_cerca=4222312&cboui=4222312

Carta de Almada

A “Carta de Almada”, é uma “declaração” que ajuda a tornar explícito o papel da Arte Pública e do Desenho Urbano na gestão urbanística. Estabelece que a Arte Pública e o Design Urbano têm um papel importante na promoção do desenvolvimento sustentável, na qualidade de vida dos cidadãos, e também fazendo parte do património móvel de uma cidade, que portanto deve ser inventariado, protegido e conservado. Outro aspecto referido foi que, ao promover o estudo e difusão das obras é possível afirmar a memória e identidade das cidades, contribuindo para a afirmação da cidadania, porque se envolve o cidadão, o turista, a comunidade educativa, artísticas e científica. Refere também a importância de estabelecer bases para a cooperação entre instituições que produzem e gerem a Arte Pública e o Design Urbano, entre alguns outros aspectos que os pretendem valorizar e promover.

Em relação à rede PAUDO¹, a Carta de Almada refere que é necessário consolidar a sua estrutura e:

- *que é necessário encontrar a melhor forma jurídica para formalizar a Rede PAUDO, nomeadamente, para garantir a sua visibilidade e uma maior eficácia na gestão de recursos*
- *que é necessário prosseguir com os encontros regulares entre parceiros*
- *que para incentivar e dar visibilidade às boas práticas no domínio da Produção, Gestão e Difusão da Arte Pública e do Design Urbano, a Rede organizará a atribuição de prémios bianuais.*

¹ ***PAUDO – Public Art and Urban Design Observatory***

O PAUDO é uma plataforma para a criação de uma Rede Temática de Arte Pública que tem como objectivos fundamentais:

- estruturar uma rede temática envolvendo as Universidades e as instituições públicas responsáveis, nas cidades, pela Arte Pública e desenho urbano;
- promover o intercâmbio de experiências e a difusão de boas práticas através da realização de encontros regulares (seminários, workshops, encontros, etc.) ou, ainda, através da atribuição de prémios de reconhecimento de mérito de boas práticas, sem valor pecuniário;
- contribuir para que os projectos de investigação e inventariação de Arte Pública se desenvolvam a partir de uma base metodológica comum indispensável para o cumprimento do objectivo final da Rede: a constituição do Museu Europeu Virtual de Arte Pública.

CAPITULO II

CASO DE ESTUDO: NÚCLEO ANTIGO DE VILA FRANCA DE XIRA

II.1 BREVE HISTÓRIA DA CIDADE

A cidade de Vila Franca de Xira tem a sua origem no Paleolítico Inferior, pois foram colhidas evidências da actividade humana por todo o concelho, como instrumentos de pedra lascada e outros artefactos que provam a existência de acampamentos temporários de caçadores-recolectores principalmente nos terrenos junto ao rio, onde eram abundantes os recursos alimentares como o peixe e o marisco, além dos animais que se alimentavam e bebiam no rio e podiam ser caçados, e ainda os vegetais que cresciam nos vales.

Mais tarde, a partir do Neolítico foram constituídas comunidades de agricultura e pastorícia que ocuparam as elevações ao Tejo. Já no tempo do bronze e ferro essas mesmas elevações ganharam conveniência por questões de protecção, edificando-se povoados fortificados no cimo dos montes. Vila Franca de Xira tem também alguns abrigos naturais, como as grutas da Pedra Furada que atestam essa ocupação durante o Neolítico.

Pela sua localização extremamente favorável em relação à bacia hidrográfica do Tejo, esta área não passou despercebida na época da romanização, e existem vários vestígios desta ocupação. Além disso, Vila Franca era atravessada pela principal via terrestre de acesso a Lisboa que era por onde chegavam e se escoavam os produtos. Dessa actividade comercial também existem algumas evidências como as ânforas que eram utilizadas para a conservação e transporte dos bens.



Fig. 17 – Vila Franca: gravura do século XIV.

Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

Existem ainda vestígios de ocupação Islâmica, que pelos mesmos motivos que os antecessores se posicionavam nesta zona pelas óptimas condições proporcionadas pelos terrenos férteis das Lezírias do Tejo e do próprio rio. Já no século XII, mais precisamente em 1195, o rei D. Sancho I doou o foral aos moradores do castelo de Povos, estabelecendo os direitos e deveres e patenteando as preocupações defensivas, visto que o vale do Tejo teria sofrido poucos anos antes arremetidas muçulmanas. A atribuição de foral a Vila Franca e a Cira, distinguida nos textos dos dois lugares, faz supor que existia uma primitiva herdade de Cira, situada mais no interior e uma Vila Franca nas margens do rio, onde mais facilmente se efectuava o tráfego de pessoas e produtos. A designação de Vila Franca de Xira será comum na documentação a partir do século XIV.

A nobreza possuía grandes quintas nesta região e a agricultura era a principal ocupação das gentes de Vila Franca de Xira. Em 1510 Vila Franca recebeu o foral novo, no âmbito da reforma dos forais promovida por D. Manuel I.

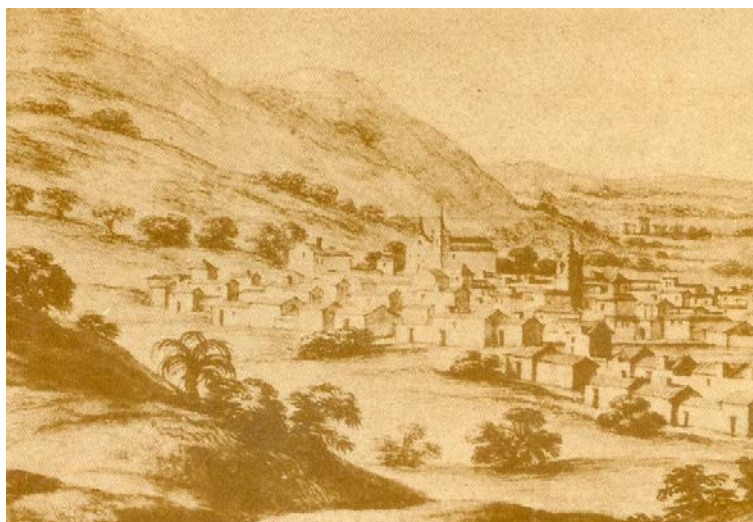


Fig. 18 – Vila Franca de Xira, no século XVII: gravura do italiano Pier Maria Baldi.

Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

No contexto duma actividade humana centrada na agricultura, as lezírias, produtoras de trigo, cevada, milho e legumes e abundantes de caça e de gado acorriam jornaleiros e rendeiros da outra margem. A pequena agricultura de frutas e legumes em Alhandra, os cereais, frutas, vinho, sal e azeite em Alverca, o trigo, vinho, azeite e frutas em Povos - dominavam a produção do lado de cá do rio. A profusão de moinhos de vento, azenhas e lagares de azeite completava este sistema económico tradicional.

A pesca, que era abundante no rio Tejo, era também naturalmente, uma importante actividade local, o que dava origem ao seu comércio. Nesse tempo existiam feiras, nomeadamente a de Vila Franca, onde se trocavam os produtos e que tinha a duração de três dias, começando no primeiro domingo de Outubro. Ainda hoje em dia a feira se realiza nessa data, o que atenta a sua origem e importância geográfica, às portas de Lisboa.

No século XVIII, Vila Franca de Xira era pertença dos bens da coroa e a sua igreja paroquial da comenda da Ordem de Cristo. No início do século XIX toda a região foi abalada pelas invasões francesas, e mais uma vez foi a localização estratégica da área que foi motivadora para a construção do sistema defensivo para fazer face ao invasor.

Um acontecimento nacional ficou inevitavelmente ligado ao nome de Vila Franca, no tempo das lutas liberais em Portugal, a Vilafrancada, golpe de estado comandado por D. Miguel, que decorreu de 27 de Maio a 3 de Junho de 1823, onde se instalaram, primeiro, D. Miguel e um regimento e depois toda a guarnição e o próprio rei D. João VI. A este golpe esteve ligado também outro personagem relacionado com a região de Vila Franca, o 1.º conde de Subserra, de seu nome Manuel Inácio Martins Pamplona Corte-Real, nomeado ministro da guerra após a Vilafrancada, mas caído em desgraça logo no ano seguinte, aquando da Abrilada.

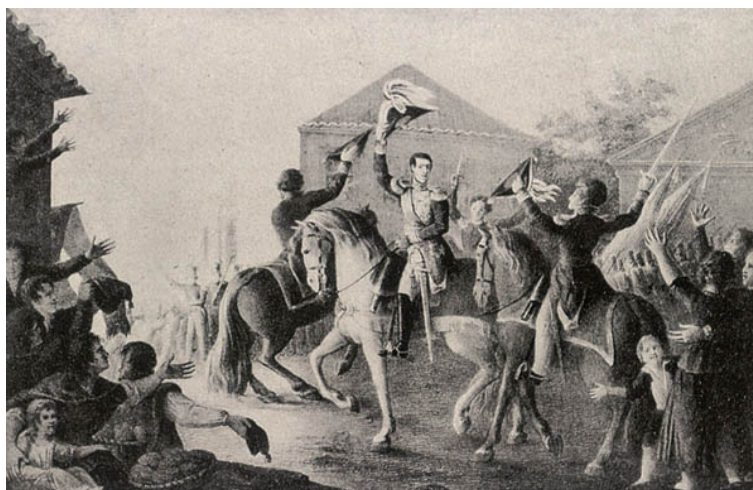


Fig. 19 – Gravura popular representando a Vilafrancada.
Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

A chegada do comboio em 1856, no âmbito da abertura do primeiro troço de linha férrea do país – Lisboa - Carregado – marcou o início de um novo período de desenvolvimento da região.

Ao longo desta nova estrutura fortemente comercial, no final do século XIX, começaram a aparecer indústrias, a “Fábrica da Póvoa” ou as fábricas têxteis de Alhandra e a fábrica de cimentos que deu origem à Cimpor. Em Vila Franca instalaram-se uma moagem industrial e uma fábrica de cintas e em Alverca o Parque de Material Aeronáutico.

Com a implantação da industrialização no concelho de Vila Franca veio uma gradual e progressiva repercussão demográfica e sócio cultural, com uma radicação forte no operariado.

Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes foram testemunhas das mudanças ocorridas no concelho e documentaram-nas nas suas obras de ficção que marcaram a literatura portuguesa. Alves Redol esteve também associado ao neo-realismo, um movimento literário que pretendia a denúncia das duras realidades laborais, políticas e sociais, com vista à criação de uma nova realidade social, mais equilibrada e assente em princípio de justiça social, associada a uma oposição antitotalitária. Tanto

Redol como Soeiro envolveram-se directamente na vida cultural local estimulando e liderando iniciativas teatrais e artísticas.



Fig. 20 – Alves Redol e os Neo-Realistas de Vila Franca, num passeio de barco no Tejo (anos 40).
Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

Vila Franca de Xira foi elevada a cidade em 28 de Junho de 1984, no segundo pacote de elevação a cidades do regime democrático em Portugal.

No final do século XX, a feição urbana e comercial da cidade, converteu-se em centro nevrálgico de comunicações e serviços, sem nunca perder as suas raízes de simplicidade, de acolhimento aberto e conservação pelo seu amor ao Tejo, às Lezírias, ao Fado e à Tauromaquia, testemunhos de ligação inicial ao território rural.

II.2 ELEMENTOS IDENTITÁRIOS DE INTERESSE EM VILA FRANCA DE XIRA

Foram considerados como elementos² identitários de interesse todos os “objectos urbanos” que têm um papel simbólico em Vila Franca, e foram organizados nas seguintes categorias:

- a) A Arte Pública;
- b) O Espaço Urbano;
- c) Os Edifícios Marcantes;
- d) Os Eventos;
- e) Os Outros Elementos Importantes;
- f) A Estrutura Associativa e Instituições Identitárias;
- g) A Toponímia e Personagens
- h) A Imagem e Iconografia.

² A descrição dos diversos elementos foi feita através de observação directa, consulta de sites da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira e documentos pertencentes à Biblioteca e ao Arquivo Municipal de Vila Franca de Xira.

II.2.1 A ARTE PÚBLICA

Para analisar a Arte Pública em Vila Franca de Xira foram seleccionados todos os monumentos e elementos escultóricos presentes no centro histórico da cidade; e também uma intervenção informal baseada na toponímia e marcante para a identidade da cidade.

<i>Arte Pública</i>				
Ficha nº	Elementos	Localização	Data(s)	Autor(es)
01	Monumento ao Campino	Largo Rodrigo César Pereira	Inauguração - 10 de Julho de 1982	Domingos Soares Branco
02	Monumento ao Toureiro	Praça Marquês de Pombal	Inauguração - 29 de Setembro de 2001	Rui Fernandes
03	Monumento ao Forcado	Largo junto à Praça de Toiros	Inauguração - 2007	José Miguel Franco de Sousa
04	Monumento à Varina	Rua Dr. António José de Almeida	Inauguração - 2003	Rui Fernandes
05	Monumento a Alves Redol	Praceta do Edifício Alves Redol	Inauguração - 2004	Mestre Lagoa Henriques
06	Pelourinho de Vila Franca de Xira	Praça Afonso de Albuquerque	Construção – séc. XVI; Demolição – séc. XVIII; Reconstrução – séc. XIX; 2ª demolição – séc. XIX; 2ª reconstrução – séc. XX	
07	Muro da Identidade	Travessa do Cerrado	Inauguração - 28 de Junho de 2010	
08	Azulejaria	Mercado, Estação de Comboios, Pátio Galache, vários edifícios	Início – séc. XX	

Tabela 1 – Elementos escolhidos da categoria Arte Pública

A Arte Pública tem ao longo dos tempos vindo a ser objecto de estudo por parte de vários autores, e desse estudo saem diversas definições. E parece não se chegar a um consenso já que algumas dessas definições entram em conflito com outras.

Para Antoni Remessar o conceito de Arte Pública deve ser considerado uma construção hipotética que tenta explicar e não apenas descrever as práticas de arte contemporânea. Para o autor a Arte Pública é *“a prática social cujo objecto é o sentido da paisagem urbana mediante a actividade de objectos/acções de uma marcada componente estética, sendo assim que uma parte dos elementos de mobiliário urbano encaixaria nesta definição. Se o objecto da Arte Pública é produzir sentido para áreas territoriais, o seu objectivo é co-produzir o sentido de lugar em consonância com as práticas de design urbano que formam a morfologia do espaço público”* (Remessar, 1997).

Por outro lado Fernando Gomez Aguilera (2004) questiona se a Arte Pública consiste apenas na instalação de esculturas ocasionais em espaços públicos ou decoração de praças e ruas com objectos decorativos.

Kevin Lynch em *A IMAGEM DA CIDADE* (1960) afirmou que esses elementos que constituem a Arte Pública, assim como as pessoas e as suas actividades são tão importante como as partes físicas e imóveis da cidade. O autor afirma que as pessoas não são apenas observadores do espectáculo que é a cidade, mas que são parte activa e participante.

Para este caso de estudo como Arte Pública considera-se todo o elemento colocado em espaço público que é marcante, quer seja pelo seu significado quer seja pelo seu valor histórico ou monumental. Veremos como a cidade está pontuada por elementos que a tornam única e coerente com a vivência dos cidadãos criando laços com os lugares. A Arte Pública pode ser um elemento de reestruturação de um espaço que tenha perdido a sua identidade ou que precise de se reafirmar em outros lugares.

Em Vila Franca de Xira estão presentes apenas alguns exemplos de obras escultóricas de homenagem a personagens, mas existem outros elementos marcantes, que se descrevem em seguida.

No final da Avenida Pedro Victor, no Largo Rodrigo César Pereira, bem no centro da cidade, está desde 1982 uma escultura comemorativa, conhecida como “O Toiro e o Campino” de nome oficial “Monumento ao Campino” (ficha 01, Anexos) e é um dos principais elementos de arte pública da cidade porque faz parte da imagem estabelecida através dos tempos, pelas tradições tauromáquicas e culturais. É da autoria do escultor Domingos Soares Branco e representa o cavalo “empinado”, uma defesa natural do cavalo, e pretende exaltar a emoção da investida do toiro, destacando ainda o manejo da vara que marca o trabalho de equitação dos campinos.



Fig. 21 – Monumento ao Campino.

Ainda relacionado com a tauromaquia existe no Largo Marquês de Pombal, conhecido com o Largo da Estação, o “Monumento ao Toureiro” (ficha 02, Anexos). Da autoria de Rui Fernandes, foi uma

iniciativa da Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Tertúlias, Associações, Colectividades e Instituições de Vila Franca, para homenagear uma das figuras da arte tauromáquica onde mais de revêem os valores da tradição, coragem e destreza técnica. Esta escultura foi inaugurada em Setembro de 2001.

Por ultimo, nas homenagens à cultura dos toiros, toureiros e campinos, está entre a Praça de Toiros e o Parque Urbano uma escultura de José Miguel Franco de Sousa, “Monumento ao Forcado” (ficha 03, Anexos), erigida em 2007 e inaugurada na presença da Presidente da Câmara, Maria da Luz Rosinha e da madrinha do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, Maria Vitória Lourenço Lopes. Este monumento pretende materializar toda a força, movimento e imagem que representa uma pega de toiros.



Fig. 22 – Monumento ao Forcado.

Ainda nas homenagens a profissões ligadas à tradição da cidade, está colocado no centro da cidade entre o Mercado e a Câmara Municipal, um “Monumento à Varina” (ficha 04, Anexos). Esculpida por Rui Fernandes, em 2003.

Alves Redol é uma das figuras importantes da cidade e além da rua principal ter o seu nome, foi erguida em 2004 na praça de um edifício também com o seu nome, uma estátua do escultor Mestre Lagoa Henriques, “Monumento a Alves Redol” (ficha 05, Anexos). Este é outro dos elementos mais marcantes que provocou alguma polémica devido à nudez do escritor neo-realista, o autor colocou Alves Redol a olhar o horizonte, sentado sobre pedras com uma pose elegante, inspirado nos momentos em que observou o escritor vila-franquense sentado nas rochas da costa da Nazaré. Tem

um livro sobre a perna e a boina que o caracterizava. O escultor defende que a nudez simboliza a força do homem que conheceu, mas a opção não foi do agrado de todos.

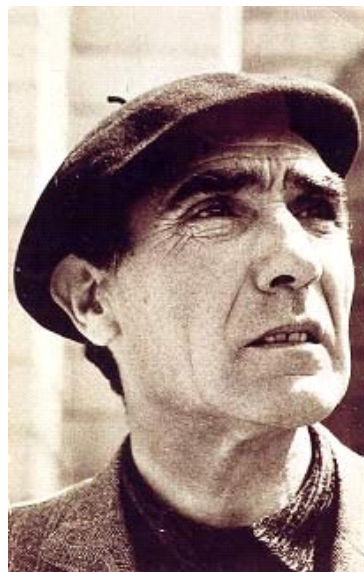


Fig. 23 – Alves Redol (1911-1969).
Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

No centro da cidade, na Praça Afonso de Albuquerque, em frente aos Paços do Concelho está colocado o “Pelourinho de Vila Franca de Xira” (ficha 06, Anexos). Crê-se que o pelourinho original data de 1510 na sequência de D. Manuel conceder foral novo à vila, no fim do século XVIII a Câmara ordenou a sua demolição, numa altura em que a família real se deslocava a Salvaterra e o pelourinho obstruía a passagem das carruagens para o caís, mas as peças foram guardadas. Foi reconstruído em 1804, com pequenas alterações incluindo a esfera armilar de ferro a rematar. Em 1891, a Câmara deliberou a demolição do pelourinho para melhorar a imagem da praça principal da vila, e desta vez os fragmentos foram abandonados e no seu lugar foi colocado um candeeiro. Em 1953, é finalmente reconstruído definitivamente e colocado em frente à Câmara Municipal. É, portanto, constituído por fragmentos de várias épocas, com elementos manuelinos, revivalistas e barrocos.



Fig. 24 – Pelourinho e Praça Afonso de Albuquerque.
Fonte: postal antigo

Pelas comemorações do Dia da Cidade em 2010, aquando do aniversário dos 26 anos de elevação a cidade, a Junta de Freguesia de Vila Franca arranhou o muro da Travessa do Cerrado e o espaço foi requalificado com bancos e árvores. O “Muro da Identidade” (ficha 07, Anexos) tem expostas várias placas com nomes de ruas, praças e largos, que pretendem ser uma retrospectiva do que foram as placas da toponímia ao longo dos tempos na cidade, entre os anos 20 e os 80, e ao mesmo tempo pretendem ser um registo de apreço à memória das pessoas que fizeram e fazem parte da história de Vila Franca. Os nomes mais emblemáticos de ruas foram reunidos neste espaço, e algumas das ruas representadas mudaram de nome mas os cidadãos continuam a conhecer as ruas pelos nomes antigos. No muro está ainda um mapa da cidade com os nomes das ruas onde originalmente se situavam para ajudar os visitantes.



Fig. 25 – Muro da Identidade: elementos informal da arte pública em Vila Franca.

A Azulejaria (ficha 08, Anexos) faz parte do património de Vila Franca, espalhada por vários pontos da cidade. Estão na maioria dos casos expostos na rua, e os exemplos mais notáveis são os painéis da Estação Ferroviária (ficha 13, Anexos), do Mercado Municipal (ficha 18, Anexos) e do pátio da Casa Galache, uma casa senhorial transformada hoje em lar de idosos e que possui os azulejos mais antigos (séc. XVIII).

II.2.2 O ESPAÇO PÚBLICO

Para analisar o Espaço Público, foram apenas seleccionados alguns elementos que mais se destacam na cidade, do ponto de vista do uso (actividades) e significados.

<i>Espaço Público</i>			
Ficha nº	Elementos	Localização	Data(s)
09	Jardim Constantino Palha	Entre o rio Tejo e a linha de caminhos de ferro	Inauguração - séc. XX
10	Cais de Vila Franca de Xira	Junto ao Jardim Municipal, à beira do rio Tejo	
11	Parque Urbano	Campo do Cevadeiro	Inauguração - 15 de Setembro de 2003
12	Caminho Pedonal Ribeirinho	Desde o Jardim Municipal até Alhandra	Inauguração - Outubro de 2008; Concluído - Outubro 2011

Tabela 2 - Elementos escolhidos da categoria Espaço Público

Ao lado do rio Tejo, numa zona nobre da cidade localiza-se o Jardim Municipal Constantino Palha (ficha 09, Anexos). Este espaço era inicialmente um Passeio Público e foi convertido em jardim na década de 50, onde o objectivo era valorizar o utente e a sua estadia e a usufruição das potencialidades do lugar. O Jardim é constituído por três arruamentos longitudinais, paralelos ao muro que serve de isolamento à linha de caminho-de-ferro, e um passeio paralelo à linha de costa do rio. Os bancos do jardim estão colocados defronte para o rio de modo a poder ser disfrutado, e os canteiros distribuem-se ao longo de todo o espaço, existe ainda um coreto mandado construir em 1931 pela Câmara Municipal.

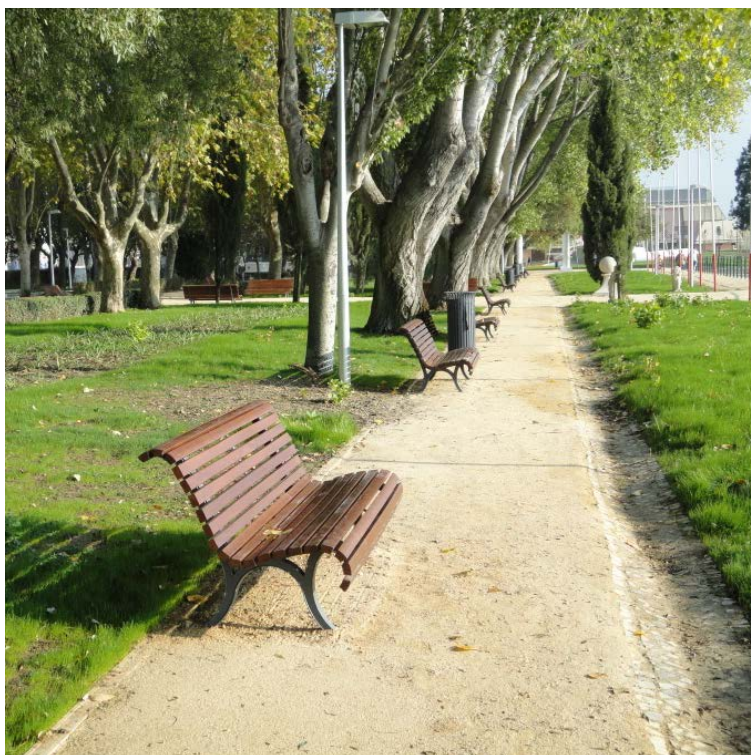


Fig. 26 – Jardim Municipal Constantino Palha.

Em 2011 foi lançado um concurso para projectos de arquitectura paisagística no Jardim, e o objectivo era dotar o espaço de melhores condições de lazer e de estar, através da reformulação das zonas verdes, melhoria de pavimentos e áreas de circulação, requalificação do parque infantil, substituição do mobiliário urbano, melhoria das condições de acessibilidade, reformulação da iluminação pública, implantação de novas instalações sanitárias, e instalação de uma cafetaria com esplanada sobre a marina.

O Cais de Vila Franca de Xira (ficha 10, Anexos), mencionado no foral de 1510, manteve até aos anos cinquenta do século XX, um papel importante na economia da região. Ocupa uma posição destacada no conjunto de sítios que, ao longo dos tempos, contribuíram para a construção da identidade e do carácter da cidade. Com o passar dos tempos este espaço estava reduzido a local de estacionamento automóvel e apresentava-se bastante degradado e sem vida. Aquando da intervenção no Jardim Municipal em 2011, efectuou-se uma intervenção que incluiu a recuperação do muro do cais, a remodelação da rede de drenagem pluvial, a colocação de novos pavimentos, mobiliário urbano e iluminação pública, e procurou-se devolver a zona aos peões em detrimento do automóvel. E ao mesmo tempo pretendia-se que esta intervenção fosse o mote para a recuperação do edificado existente pela iniciativa privada, bem como o surgimento de novas actividades comerciais numa zona de enorme potencial, com o Tejo e a Lezíria como pano de fundo.



Fig. 27 – Cais de Vila Franca de Xira.

O antigo Campo do Cevadeiro era o palco das várias feiras realizadas na cidade, feiras de gado, de cavalos, outros certames como a Feira de Outubro (ficha 33, Anexos). Em 2003 sofreu uma acção de reformulação e foi renomeado para “Parque Urbano de Vila Franca de Xira” (ficha 11, Anexos). O que era um grande espaço de terra batida localizado entre o rio Tejo e a estrada nacional, foi pavimentado, coloram-se bancos, arvores, canteiros, iluminação pública, um repuxo e um parque infantil renovado. Existia também o Pavilhão do Cevadeiro que foi substituído em 2011 pelo “Pavilhão Multiusos”, que se apresenta como um equipamento bastante versátil, e permite albergar diferentes tipos de eventos e espectáculos musicais, culturais ou desportivos. O edifício ainda inclui um átrio de entrada com capacidade para realização de exposições de carácter não permanente, instalações sanitárias, balneários, oito salas acessíveis do exterior, zonas técnicas, uma sala de eventos pluridisciplinar no piso superior, e também no piso superior uma cafetaria panorâmica com explanada exterior sobre o Rio Tejo e o Parque.



Fig. 28 – Parque Urbano de Vila Franca de Xira.

Em 2011 ficou concluído o “Caminho Pedonal Ribeirinho” (ficha 12, Anexos) desde a Casa Museu Dr. Sousa Martim em Alhandra até ao Cais de Vila Franca, desenvolvendo-se por três km. Este caminho é um espaço de lazer e recreio, junto ao rio Tejo, que inclui uma ciclovia, um passeio pedonal, algumas árvores, e bancos colocados em consolas sobre o rio. Este equipamento municipal contemplou também o alargamento da Plataforma Ferroviária contigua ao Tejo e a construção de uma passagem superior à via-férrea que permite o acesso do Caminho para a o Parque Urbano (ficha 11, Anexos), funcionando como um Miradouro da paisagem circundante, para Este e para Oeste.

II.2.3 Os EDIFÍCIOS MARCANTES

Alguns edifícios são importantes para a identidade da cidade, foram seleccionados para esta análise os que se destacam pela sua função ligada a elementos identitários. Não se incluíram alguns edifícios que possam ter importância como equipamentos ou como obras de arquitectura mas com menos significado, como por exemplo o Hospital Reynaldo dos Santos, o Tribunal da Comarca de Raul Rodrigues de Lima e o edifício dos Correios, Telégrafos e Telefones de Vila Franca de Xira de Adelino Alves Nunes, todos do séc. XX.

Edifícios marcantes

Ficha nº	Elementos	Localização	Data(s)	Autor(es)
13	Estação Ferroviária	Praça Marquês de Pombal	Construção - séc. XIX / XX	
14	Igreja Matriz de Vila Franca de Xira	Largo Conde de Ferreira	Construção - 1677; Reconstrução - séc. XVIII; Remodelação - séc. XX	
15	Igreja da Misericórdia	Largo da Misericórdia	Construção - séc. XVI; Reconstrução - séc. XVII e XVIII; Restauro - séc. XX	
16	Igreja do Mártir Santo São Sebastião	Rua Dr. Miguel Bombarda	Construção - séc. XVI; Reconstrução - séc. XVIII; Restauro e alteração de uso - séc. XIX	
17	Antigo Hospital da Misericórdia de Vila Franca de Xira	Largo da Misericórdia / Travessa do Hospital	Construção - séc. XVIII; Remodelação - e alteração de uso - séc. XX	
18	Mercado Municipal de Vila Franca de Xira	Rua Dr. António José de Almeida / Rua António Maria Eugénio de Almeida / Rua António Palha	Inauguração - 1929; Intervenção - 2005	
19	Praça de Touros Palha Blanco	Campo do Cevadeiro / Campo Cinco de Outubro / Rua Luís de Camões	Inauguração - 30 de Setembro de 1901	Manuel Ferreira dos Santos
20	Museu Etnográfico	Praça de Touros Palha Blanco		
21	Casa Museu Mário Coelho	Travessa do Alecrim	Inauguração - Outubro de 2001	
22	Museu do Neo-Realismo	Rua Alves Redol	Fundado - 1990; Renovado em local actual - 2007	Alcino Soutinho
23	Edifício do Museu Municipal de Vila Franca de Xira	Rua Serpa Pinto	Construção - séc. XVIII; Remodelação - e alteração de uso - séc. XXI	
24	Celeiro da Patriarcal	Rua Luís de Camões / Rua Pedro Victor	Inauguração - 28 de Agosto de 1751; Alteração de uso - séc. XX	José Custódio de Sá e Faria
25	Edifício dos Paços do Concelho	Praça Afonso de Albuquerque	Inauguração - 1983	

Tabela 3 - Elementos escolhidos da categoria Edifícios Marcantes

No Largo Marquês de Pombal, situa-se a Estação Ferroviária de Vila Franca de Xira (ficha 13, Anexos), e a sua construção situa-se entre o século XIX e XX. É notável graças aos painéis de

azulejos da autoria de Jorge Colaço³, inaugurados em Abril de 1930, que mostram várias cenas representativas do quotidiano do campo, do rio e da sua gente, imagens das vindimas, o trabalho do campo e os animais, os barcos no Tejo e episódios históricos. O troço ferroviário onde se situa a estação funciona desde 1856 e inicialmente ligava Lisboa à Vala do Carregado.



Fig. 29 – Estação Ferroviária de Vila Franca de Xira.

A Igreja Matriz de São Vicente Mártir (ficha 14, Anexos) é hoje em dia a principal igreja de Vila Franca de Xira, pertencida à Ordem Terceira de São Francisco, e foi fundada em 1667, mas foi sofrendo alterações que a descaracterizam parcialmente. A primeira mudança ocorreu na sua reconstrução após o Terramoto de 1755 que a destruiu por completo, e voltou a ser reconstruída e alterada no século XX na década de 70. É nessa igreja que se realiza todos os anos, no início de Julho a missa *rociera*⁴ que marca o arranque da festa do Colete Encarnado (ficha 32, Anexos).

A Igreja da Misericórdia (ficha 15, Anexos) tem a sua data de construção no século XVI, mas teve obras de reconstrução e beneficiação nos séculos XVII e XVIII, e ainda no século XX sofreu obras de restauro, por iniciativa de um grupo de cidadãos. A sua localização é quase no centro da localidade, e próximo do centro do poder político, indo de encontro à imagem de prestígio e destaque que a confraria procurava. Os seus principais motivos de interesse são os altares de talha, cinco pinturas a óleo sobre tela com cenas da vida de Cristo, e os painéis de azulejo, de 1760, relativos às 14 Obras

³ Jorge Colaço – pintor, desenhador e caricaturista, mestre da arte azulejar do século XX.

⁴ A missa *rociera* é uma cerimónia religiosa tradicional da zona da Andaluzia, na Estremadura espanhola e que inclui cânticos dedicados à Virgem del Rocío.

da Misericórdia. A sua configuração corresponde ao templo que ainda hoje existe apesar dos danos sofridos no Terramoto de 1755, no entanto os estragos não foram tão gravosos como os que afectaram a Igreja Matriz, e enquanto se procedia à sua reparação esta ficou sediada na Igreja da Misericórdia.

Na capela-mor ao lado da tribuna existe uma porta que permitia o acesso ao Antigo Hospital da Misericórdia (ficha 17, Anexos), hoje transformado em lar e centro de dia de apoio aos idosos.

A norte da cidade existe ainda outra igreja, a Igreja do Mártir Santo São Sebastião (ficha 16, Anexos), que desde os finais do século XX está fechada ao culto e foi adaptada como núcleo museológico de Arte Sacra do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. A sua construção data do século XVI, a mando de D. Sebastião, e foi destruída pelo Terramoto de 1755, e reconstruída depois mas com profundas alterações na sua traça original. Durante as obras de recuperação no século XIX, foram encontradas ossadas humanas e centenas de pedaços de cerâmicas, moedas e estruturas em pedra, de ocupações anteriores a 1576, data da sua construção, e ainda uma conduta de água, que se presume ter feito parte do terceiro aqueduto pombalino da região de Lisboa.

O Mercado Municipal (ficha 18, Anexos) foi inaugurado no dia 28 de Maio de 1929, e assinalava o 3º aniversário do Golpe Militar que instaurou a ditadura do Estado Novo. O que marca o mercado são os seus painéis de azulejo em toda a fachada. Nas quatro entradas do edifício, os painéis representam as quatro estações do ano, e os restantes mostram cenas da vida dos avieiros e varinas, elevando as actividades e profissões da região, e a lezíria, os toiros e campinhos. Em 2005 foi sujeito a obras na envolvente, para criar um espaço público mais atractivo para os cidadãos e visitantes poderem apreciar o mercado e com melhores condições de circulação. E também nas fachadas de onde foram retirados todos os painéis para limpeza e restauro.



Fig. 30 – Mercado Municipal de Vila Franca de Xira.

Em 1901 foi construída a Praça de Toiros Palha Blanco (ficha 19, Anexos) por iniciativa do lavrador e ganadeiro José Pereira Palha Blanco, para substituir a última das três praças em madeira que ali tinham existido e que ardeu. A praça é obra do arquitecto Ferreira dos Santos, e as despesas foram pagas pelo fundador e por outros lavradores solidários com a causa, visto que José Palha Blanco tinha como objectivo, além da construção da praça, financiar com as receitas da bilheteira, um asilo-creche que acolhia órfãos. Mais tarde a praça foi doada à Misericórdia de Vila Franca de Xira que a entrega em regime de concessão a empresas especializadas. No Verão de 1905 adquiriu o prestígio de praça de primeira com a realização de uma corrida a que assistiu o rei D. Carlos. A praça é conhecida pelo rigor e exigência da sua afición, responsável pelo aparecimento de grande nomes do mundo da Tauromaquia, tanto na lide apeada como na lide a caballo, e também do Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira, o que leva por todo o mundo tauromáquico o nome de Vila Franca de Xira.



Fig. 31 – Praça de Toiros Palha Blanco.

Ainda na Praça de Toiros situa-se o Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira (ficha 20, Anexos), onde estão representadas as actividades laborais ligadas ao rio e ao campo, assim como costumes, trajos e instrumentos de trabalho.

A Casa-Museu Mário Coelho (ficha 21, Anexos) situa-se na Travessa do Alecrim, perto da Igreja Matriz. Foi onde em 1936 nasceu Mário Coelho, que é um nome importante da Tauromaquia nacional. Serve actualmente para divulgar a Tauromaquia e a vida pessoa do toureiro, tem fotografias, troféus, trajos de luzes e outras peças ligadas à história da tauromaquia.

Em 1990 foi criado o Museu do Neo-Realismo (ficha 22, Anexos), inicialmente situado na Praça Afonso de Albuquerque e com novas instalações desde 2007 na Rua Alves Redol, e tem como base a actividade de um Centro de Documentação sobre o movimento neo-realista português. Foi enriquecendo e diversificando o património, com várias colecções museológicas, nomeadamente

espólios literários editoriais, arquivos documentais, acervos iconográficos, obras de arte, bibliotecas particulares e uma biblioteca especializada na temática neo-realista. O museu promove a investigação e divulgação dos seus conteúdos, que vão sendo adequados aos diferentes públicos. É constituído pelo Centro de Documentação e pelo Espaço Expositivo. As colecções incluem espólios de escritores, de editoras entre outros e um vasto conjunto de obras de artistas plásticos relevantes no panorama nacional, conta ainda com uma vasta colecção documental.



Fig. 32 – Museu do Neo-Realismo.

Na Rua Serpa Pinto, situa-se o edifício que acolhe o Museu Municipal (ficha 23, Anexos), construído em 1755, a mando do Desembargador Diogo Baracho, e que foi sofrendo várias alterações ao longo dos anos e das ocupações. É composto por salas de exposição permanentes e temporárias, centro de documentação, sala para actividades do serviço educativo, espaço polivalente e gabinetes de inventário e técnicos. A exposição permanente intitulada “Vila Franca de Xira – Tempos do Rio, Ecos da Terra” pretende promover junto do público a trajectória cultural do Concelho de Vila Franca, desde a Pré-história até ao século XX.

O Celeiro da Patriarcal (ficha 24, Anexos) foi mandado construir no século XVIII, pela Igreja Patriarcal de Lisboa, ao engenheiro militar José Custódio de Sá e Faria, e fica situado na Rua Luís de Camões. Actualmente funciona como espaço expositivo, para diversas exposições temáticas, incluindo a Exposição Colectiva de Artistas Plásticos do Concelho de Vila Franca de Xira e a Cartoon Xira, uma exposição com a participação de alguns dos mais conceituados cartoonistas nacionais cujos desenhos retratam um determinado momento da realidade nacional e internacional.



Fig. 33 – Celeiro da Patriarcal.

O edifício dos Paços do Concelho (ficha 25, Anexos) situa-se no largo principal da cidade, a Praça Afonso de Albuquerque e é onde funcionam os serviços principais da Câmara Municipal.

II.2.4 OS EVENTOS

Vila Franca é rica em tradições e costumes ligados à vida do campo e à tauromaquia que servem de mote para um conjunto de eventos, que na sua maior parte existem há bastante tempo e são parte da imagem e identidade da cidade. Tanto para os visitantes como para os habitantes são parte importante da terra e da sua cultura. Alguns eventos apesar de trazerem visitantes são menos relevantes porque não estão directamente ligados aos temas identitários da cidade, como por exemplo a Exposição Canina ou a Cartoon Xira.

<i>Eventos</i>			
Ficha nº	Elementos	Localização	Data(s)
26	Duatlo das Lezírias	Lezíria e beira Tejo	Fevereiro
27	Corridas das Lezírias	Partida e chega no Parque Urbano	Março
28	Mês do Sável / Campanha de Gastronomia	Restaurantes do concelho	Março e Novembro
29	Festa do Campo, da Lezíria e do Cavalo	Entre a cidade e o cabo da lezíria	Maio
30	Dia da Cidade	Por toda a cidade	28 de Junho
31	Semana da Cultura Tauromáquica	Por toda a cidade	Semana que antecede o Colete Encarnado
32	Colete Encarnado	Por toda a cidade	1º fim de semana de Julho
33	Feira de Outubro / Salão de Artesanato	Parque Urbano / Pavilhão Multiusos	1º semana de Outubro
34	Corridas de Toiros	Praça de Touros Palha Blanco	Entre Março e Outubro
35	Esperas de Toiros	Rua Joaquim Pedro Monteiro / Rua Curado / Rua Serpa Pinto / Rua 1º de Dezembro	Durante as festas do Colete Encarnado e na Feira de Outubro

Tabela 4 - Elementos escolhidos da categoria Eventos

A cidade de Vila Franca também é conhecida pelos seus eventos, alguns já de tradição antiga e que fazem parte de um conjunto de acontecimentos importantes, em especial para a afición. Outro aspecto a considerar é a diversidade no que diz respeito aos grupos geracionais, há eventos para todas as idades, e não são restritivos apenas a habitantes, como se pretende que tenha grande adesão dos visitantes. E não se trata apenas da Festa Brava, a gastronomia também tem um papel significativo, assim como o desporto. A cidade vai tendo com o passar dos anos melhores condições espaciais para albergar esses acontecimentos.

Entre Fevereiro e Março realizam-se o Duatlo e a Corrida das Lezírias (fichas 26 e 27, Anexos), provas que juntam na cidade profissionais e amadores do desporto que anualmente se deslocam a Vila Franca para participar nos eventos que fazem a ligação entre o campo e a cidade, utilizando o rio, a ponte, e as vastas lezírias, o que lhes proporciona uma grande variedade de percursos e cenários.

Ainda em Março, decorre o “Mês do Sável” (ficha 28, Anexos), aos domingos em quase todos os restaurantes do concelho. O sável, pescado no Tejo pelos avieiros noutros tempos e confeccionado por eles também, é preparado hoje em dia pelos gastrónomos que divulgam a receita da açorda de sável. Esta campanha iniciou-se em 1989 e leva à cidade muitos visitantes. As entidades municipais acreditam que este acontecimento reforça a sua identidade histórica e cultural.

Em Maio destaca-se a Festa do Campo, da Lezíria e do Cavalo (ficha 29, Anexos). É uma festa que manifesta a herança cultural e turística da região, pretende enaltecer o toiro, o campino e o cavalo, bem como a lezíria e todos os que nela trabalham. Decorre no Cabo da Lezíria durante três dias, e é um evento dirigido a apreciadores e entendidos na arte equestre. É composto de demonstrações, jornadas técnico-científicas, provas e espectáculos inteiramente dedicados ao cavalo. Nesta festa está incluída a Romaria a Nossa Senhora de Alcamé, música pela Banda do Ateneu Artístico Vilafranquense pelas ruas da cidade, seguido do embarque da Santa a bordo do barco varino “Liberdade” (ficha 37, Anexos), e depois da continuação da romaria a cavalo em direcção à Ermida da Nossa Senhora de Alcamé, onde se faz uma procissão com a Santa aos ombros dos campinos. Ainda se efectua uma largada de toiros, aulas de toureio da Escola de Toureio José Falcão (ficha 54, Anexos) e para finalizar uma corrida de toiros na Praça Palha Blanco (ficha 19, Anexos).



Fig. 34 – Desembarque da Santa no Cabo da Lezíria e posterior romaria a cavalo até à Ermida de Nossa Senhora de Alcamé: A Lezíria e o Tejo são protagonistas.

Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

A 28 de Junho celebra-se o Dia da Cidade (ficha 30, Anexos), que corresponde ao dia em que a vila foi elevada a cidade em 1984. Nesse dia anualmente distinguem-se algumas personalidades com o Campino d’Honra, personalidades essas que se destacaram pelos méritos e trabalho efectuado em Vila Franca em várias áreas, como a cultura, promoção comunitária ou o associativismo. Estes prémios têm várias categorias e todas elas estão associadas à identidade da pessoa ou associação homenageada em relação à cidade e ao trabalho feito para a divulgação e promoção de Vila Franca de Xira. Em 2010 foi criado o Muro da Identidade (ficha 07, Anexos) e nesse muro figuram as placas antigas da toponímia da cidade com especial referência às entidades que marcam a cidade, a criação deste “espaço-memória” por parte da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal pretendia atrair

tantos os habitantes como os visitantes para um local outrora deteriorado, e que pudessem ficar a saber um pouco mais sobre a cidade e os seus notáveis.

Outro evento é a Semana da Cultura Tauromáquica (ficha 31, Anexos), realiza-se em Junho, na semana que antecede o Colete Encarnado e serve como um aquecimento das hostes para a grande festa da cidade. O foco deste evento é o debate e a exaltação da arte tauromáquica, e ainda animação tradicional e a expectativa da festa que se avizinha, visto ser um dos marcos importantes para os aficionados e para todos os habitantes e visitantes de Vila Franca. Composto de colóquios, convívios, demonstrações, exposições, e espectáculos de fado, é um evento organizado pela Câmara Municipal em parceria com o Clube Taurino Vilafranquense e pretende contribuir para a elevação da cidade como centro taurino do país. Outras entidades envolvidas com esta iniciativa são a Escola de Toureiro José Falcão, o Grupo de Forcados Amadores, o Grupo de Campismo “As Sentinelas” e a Casa Museu Mário Coelho.



Fig. 35 – Fado na Semana da Cultura Tauromáquica, na Praça Afonso de Albuquerque.

Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

Sempre, no primeiro fim-de-semana de Julho realiza-se a festa do “Colete Encarnado” (ficha 32, Anexos), tradição que existe desde 1932 quando o lavrador ribatejano José Van Zeller Pereira Palha, idealizou e levou por diante a primeira grande festa de homenagem ao campino. Homenagem essa, realizada na Praça Afonso de Albuquerque, e que é feita ao campino mais velho, e onde lhe é entregue o “Pampilho de Honra” pelo Presidente Executivo.

No Largo Rodrigo César Pereira, no Monumentos ao Campino é depositada uma coroa de flores em homenagem aos campinos já falecidos.

Existem cerca de 30 Tertúlias Tauromáquicas (ficha 48, Anexos) espalhadas pela cidade, que apesar do seu carácter privado, se encontram abertas ao público nesses dias de festa, permitindo a todos ficarem a conhecer o seu espólio tauromáquico variado, disfrutar do ambiente e comer “a bela da sardinha assada no pão” e o copo de vinho tinto da região, que ao mesmo tempo é distribuído gratuitamente por diversos locais da cidade.

Da festa consta também a animação de rua, concertos, largadas e corridas de toiros e uma garraiada que se realiza na madrugada de domingo na Praça de Toiros Palha Blanco, e após a qual é distribuído caldo verde nas ruas.



Fig. 36 – José Van Zeller Pereira Palha (1895 - 1978): criador do Colete Encarnado.
Fonte: <http://www.vfxira.pt/>

Para finalizar a festa, canta-se o fado num dos palcos instalados perto do rio e é lançado fogo-de-artifício nas lezírias.

Outro evento de carácter gastronómico realiza-se Novembro, aos fins-de-semana, é a Campanha de Gastronomia (ficha 28, Anexos), em que por vários restaurantes do concelho se apresentam dois ou três pratos regionais e tradicionais da região, como por exemplo o Torricado com Bacalhau Assado, a Dobrada à Vila Franca, a Caldeirada Mista, o Ensopado de Borrego e o Cozido de Carnes Bravas.



Fig. 37 – Pratos típicos do município: Torricado com bacalhau e Dobrada à Vila Franca.
Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

A “Feira de Outubro” (ficha 33, Anexos) realiza-se na primeira semana do mês, no Parque Urbano de Vila Franca (ficha 11, Anexos). Este evento também conta com uma vertente forte ligada à tauromaquia e durante a semana em que se realiza as tradicionais largadas e esperas de toiros e corridas na Praça Palha Blanco. Esta feira atrai pessoas de toda a região de todo o tipo, que se lá se deslocam com vários motivos, para comprar artigos nas tendas de venda espalhadas pelo recinto, para aproveitar as barracas de diversão e as esplanadas. Além disso há música para todos os gostos, com ênfase para o fado que também é tradição em Vila Franca. Outro elemento importante do certame é o Salão do Artesanato, que se realiza no Pavilhão do Parque Urbano e onde se pode apreciar o trabalho de artesãos de quase todas as regiões do país. E ainda há um conjunto de associações do concelho que estão representadas no espaço.

Em várias ocasiões decorrem Corridas (ficha 34, Anexos) na Praça de Toiros Palha Blanco, os aficionados vêm de todo o lado para assistir a estes eventos tauromáquicos. A tradição neste campo é muito antiga e Vila Franca tem fama pela criação de cavalos e toiros de lide, pelo trabalho dos campinos, pela formação de forcados e também pelo entusiasmo popular nas esperas de toiros e ainda pela arte de cavaleiros e toureiros. Esta tradição está evidente no património e nos eventos da cidade.

Duas vezes por ano, durante o Colete Encarnado e a Feira de Outubro, realizam-se as Largadas de Toiros (ficha 35, Anexos), ao longo de várias ruas percorrendo toda a extensão da cidade, onde é colocada areia no chão e tronqueiras de protecção, para que quem queira possa mostrar a sua braveza frente aos toiros que são largados nas ruas.



Fig. 38 – Largada de Toiros entre a Estação Ferroviária e a Praça de Toiros, no Espaço Público.

Fonte: <http://www.cm-vfx.pt/>

II.2.5 Os OUTROS ELEMENTOS IMPORTANTES PARA A IDENTIDADE DA CIDADE

Existem diversos elementos informais que são importantes, desde elementos artísticos, toponímias, elementos físicos e não só que fazem com que a cidade seja única em alguns aspectos. Seleccionaram-se aqueles que se destacam tanto na memória colectiva como no espaço.

Outros elementos marcantes

Ficha nº	Elementos	Localização	Data(s)
36	Chafariz do Alegrete	Largo Carlos Pato	Inauguração - 1797; Deslocado para localização actual - 1953
37	Barco Varino "Liberdade"	Cais de Vila Franca de Xira	Construção - 1945; Renovado - 1988; Recuperado - 1999
38	Ponte Marechal Carmona	Sobre o rio Tejo	Inauguração - 30 de Dezembro de 1951
39	Coreto de Vila Franca de Xira	Jardim Constantino Palha	Inauguração - 1931

Tabela 5 – Elementos escolhidos da categoria Outros Elementos Marcantes

No Largo Carlos Pato está o “Chafariz do Alegrete” (ficha 36, Anexos), onde foi reconstruído em 1953. A sua localização original era na antiga Rua do Alegrete e como se pode ver na inscrição a data de inauguração é 1797.

No Cais de Vila Franca (ficha 10, Anexos) está atracado um barco varino de nome “Liberdade” (ficha 37, Anexos), que foi construído em Abrantes no ano de 1945, e inicialmente a sua função era o transporte de mercadorias no rio Tejo, e mais tarde passou a encaminhar para a margem sul cargas de lixo proveniente de Lisboa, e ainda carregos de sal na zona de Setúbal. Na década de 60 encalhou e ficou abandonado, na altura em que o transporte fluvial entrou em decadência. Foi adquirido pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira aos 43 anos de idade, e aportou no cais a 25 de Abril de 1988, todo renovado, para iniciar uma nova função, desta vez navegar ao serviço de grupos de cidadãos, crianças, jovens, adultos e idosos, simples excursionistas fluviais de ocasião ou estudiosos do Tejo, proporcionando convívios e passeios informais e divertidos, jornadas científicas, travessias simples entre as duas margens, ou participando em exigentes percursos náuticos de regatas e cruzeiros. Em 1999, foi efectuada uma recuperação das suas características originais e em 2001 passou a ser um núcleo museológico do Museu Municipal de Vila Franca de Xira. Esta intervenção dotou a embarcação de equipamentos, quer electrónicos, quer de demonstração das práticas de navegação e de pesca artesanal, que lhe permitiram assumir o papel de núcleo museológico.

O “Liberdade” é um importante elemento de várias actividades do município, fazendo travessias entre o Cais de Vila Franca e o Cais do Cabo da Lezíria durante a Festa de Campo e o Salão do

Cavalo, ou participando na procissão da Senhora de Alcamé, e também em provas desportivas, como a Regata Entre Pontes ou o Cruzeiro do Tejo, e ainda de dois em dois anos representa Vila Franca de Xira numa iniciativa do Museu da Marinha, que reúne todos os barcos tradicionais do rio Tejo.



Fig. 39 – Barco Varino “Liberdade”.
Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

Um dos elementos que marca a cidade de Vila Franca de Xira é o Rio Tejo que desde o tempo em que os Romanos andavam na conquista do interior da Península Ibérica, sempre constituiu um importante eixo de comunicações, e particularmente nesta zona onde no século XVI havia três ou quatro ligações semanais com a capital do reino. Ao longo das várias épocas, foram variados os tipos de produtos transportados, desde sal, madeira, azeite, trigo e produtos hortícolas. Com o aparecimento do comboio em 1856, e o desenvolvimento dos transportes rodoviários na segunda metade do século XX, e a construção da Ponte Marechal Carmona em 1951, a importância dos transportes ao longo do Tejo perderam alguma notoriedade, mas apesar disso o rio continua a ser um elemento marcante da cidade, fazem-se várias actividades lúdicas, e passeios a bordo do barco varino “Liberdade”, além de que o rio ainda é o ganha-pão de pescadores, que há muitas décadas procuravam essa zona para tentar ter uma vida melhor, devido às espécies que ali se encontram como enguias, robalos, linguados, barbos, douradas, corvinas, fataças e sável.



Fig. 40 – Rio Tejo: O estuário, e as suas actividades.
Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

A Ponte Marechal Carmona (ficha 38, Anexos) também chamada Ponte de Vila Franca de Xira, sobre o rio Tejo une Vila Franca ao Porto Alto. O seu nome é uma homenagem a António Óscar de Fragoso Carmona⁵.

Em 1924 fez-se o primeiro pedido oficial do Município para a construção de um ponte sobre o Tejo, e visto a cidade estar sensivelmente a meio entre Santarém e Lisboa, e ser um ponto de confluência de algumas estradas que fazem a ligação entre o Norte e o Sul, o Ministério das Obras Públicas deu início ao seu estudo. Esta obra foi na altura a maior e mais custosa empreitada adjudicada pelo Estado.

Logo na sua construção fez-se na margem direita um complexo nó de ligação à Estrada Nacional e ao que seria anos mais tarde a Auto-Estrada Lisboa-Carregado para a qual já havia projectos. Construir a ponte em Vila Franca tinha várias vantagens, assegurava de forma eficaz o trânsito entre as duas margens, principalmente para quem queria apenas deslocar-se no sentido Sul-Norte ou Norte-Sul sem passar por Lisboa, e também porque atravessar o rio em Vila Franca traduzir-se-ia numa poupança de quilómetros. A cidade de Vila Franca de Xira tornou-se assim o ponto principal de passagem de e para além Tejo, também porque ainda não havia em Lisboa qualquer passagem entre as margens sem ser de barco.



Fig. 41 – Inauguração da Ponte Marechal Carmona em Vila Franca de Xira (1951).

Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

Foi inaugurada em 30 de Dezembro de 1951 por Craveiro Lopes e Salazar.

No Jardim Municipal encontra-se o Coreto de Vila Franca de Xira (ficha 39, Anexos), mandado construir pela Câmara Municipal em 1931, quando ainda o espaço era o Passeio Público.

⁵ António Óscar de Fragoso Carmona – décimo primeiro Presidente da República Portuguesa da Ditadura e primeiro do Estado Novo.

Na Travessa do Cerrado existe o Tanque das Lavadeiras que embora seja apenas um espaço onde existem tanques e zona de secagem de roupa, é um elemento importante porque simboliza o trabalho de muitas mulheres, que no passado, e algumas ainda nos dias de hoje, lá se dirigem para lavar a sua roupa ou como meio de sustento.

Na Rua Serpa Pinto, na casa onde nasceu João Diogo Vilaverde, existe um conjunto de azulejos em sua homenagem, que foi peão de brega da Casa Ribeiro Telles, forçado dos Amadores de Vila Franca, bandarilheiro e ganadeiro, e que faleceu prematuramente em 2005.

II.2.6 A ESTRUTURA ASSOCIATIVA E AS INSTITUIÇÕES IDENTITÁRIAS

As associações e instituições, quer formais quer informais da cidade, são elementos importantes na sua identidade, e no caso de Vila Franca, são essencialmente relacionadas com a tauromaquia, com o trabalho, e com os respectivos personagens.

Estrutura Associativa e Instituições Identitárias		
Elementos	Localização	Data(s)
Tertúlias tauromáquicas	Por toda a cidade	Início - década de 60 do séc. XX
Museu do Neo-realismo	Rua Alves Redol	Fundado - 1990; Renovado em local actual - 2007
Escola de Toureio José Falcão	Cabo da Lezíria	Fundado - 11 de Agosto de 1984; Novas instalações - 2004
Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira	Travessa do Espírito Santo	Fundado – 8 de Outubro de 1982
Rio Tejo (varinos, avieiros...)		
Campinos		
Fado		
Ranchos Folclóricos		

Tabela 6 – Elementos escolhidos da categoria Estrutura Associativa e Instituições Identitárias

As Tertúlias Tauromáquicas do município são espaços onde se reúnem amigos que partilham a paixão pela arte tauromáquica, e remontam à década de 60 do século XX. As conversas e festividades giram em torno de todos os aspectos da Festa Brava, e também se fazem sessões de fado, visionamento de Corridas De Toiros, e petiscos tradicionais do Ribatejo. Na decoração o tema dominante é o campo, e as actividades ligadas ao trabalho e aos animais. As tertúlias reúnem as memórias e objectos de colecção como fatos de toureiro, peças de carácter religioso, fotografias, recortes de jornais, cabeça de toiros lidados, chocalhos e outros elementos ligados à tauromaquia. Durante a festa do Colete Encarnado, as tertúlias abrem as portas ao público, e a festa estende-se para a rua.



Fig. 42 – Tertúlias: (à esquerda) Palha Blanco e (à direita) A Padroeira dos Campinos.

Fonte: <http://www.cm-vfx.pt>

O Museu do Neo-Realismo como instituição identitária tem o papel de reunir e disponibilizar fontes documentais sobre o movimento Neo-Realista⁶. A sua importância na sociedade Vilafranquense fez-se notar com um dos protagonistas, Alves Redol, nascido em Vila Franca, e como variadas obras literárias de grande importância.

A Escola de Toureio José Falcão de Vila Franca de Xira foi fundada em 1984. É a única Escola de Toureio Portuguesa que faz parte da Federação Internacional de Escolas Taurinas, desde 2001. E é devido a esse facto que os alunos da escola levam o nome de cidade às principais praças de toiros de Espanha e França.



Fig. 43 – Escola de Toureio José Falcão.
Fonte: <http://www.jf-vfxira.pt>

Em 1932, ano em que se iniciaram as festas do Colete Encarnado, foram oficialmente formado o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira. Mas mesmo anos antes da sua oficialização, já um grupo de amigos se juntava e actuava em diversas festas e não só em Vila Franca, o que os tornou conhecidos e fez com que se organizassem para criar o grupo. Representam Vila Franca em vários eventos importantes da Tauromaquia, inclusive internacionalmente.



Fig. 44 – Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira: comemorações dos 80 anos (2012).
Fonte: <http://www.forcadosdevilafranca.com/>

O rio Tejo é um elemento identitário marcante devido à sua importância desde o início do desenvolvimento da cidade. Foi um elemento de atracção para várias comunidades que se foram

⁶ Movimento associado ao movimento da resistência democrática à ditadura salazarista.

fixar nas margens do rio para dali tirarem o seu sustento, e é ainda hoje em dia elemento de atracção para várias actividades ligadas à actividade náuticas.

Em Vila Franca além da população urbana existem grupos etnicamente definíveis, já estabelecidos há longas décadas. Os Campinos trabalham nas lezírias e a sua função é cuidar do gado principalmente dos toiros. E também os Varinos e os Avieiros, duas populações piscatórias.

Outro elemento marcante é o Folclore e os Ranchos Folclóricos que tem como função representar as danças e cantares tradicionais do Ribatejo, sendo que a dança mais célebre é o fandango, tradicionalmente dançado pelos Campinos.

Vila Franca tem ainda outro elemento importante que é o “Fado de Vila Franca”, escrito por João Nobre e cantado por vários fadistas em diversas ocasiões e que celebra as figuras mais importantes da cidade.

Fado de Vila Franca

Barrete sobre a orelha	Oh terras de Vila Franca
Cinta vermelha bem apertada	Onde tanta e tanta vez
E ao alto firme o pampilho	Sem temer uma colhida
Quando o novilho foge à manada	Se arrisca a vida com altivez
Com o Colete Encarnado	Um lavrador de samarra
Jaqueta e meia branca	E uma guitarra bem dedelhada
Campinos toiros e fado	Campinos de manhã cedo
Esperas de gado em Vila Franca	Firmes sem medo sobre a montada
Oh terras do Ribatejo	E se uma pega é valente
Cheias de sol e alegria	Ninguém da praça os arranca
Oh gente sem ambições	Vibra a gente entusiasmada
Que dá lições de valentia	Numa tourada em Vila Franca

II.2.7 A TOPONÍMIA E AS PERSONAGENS

São diversas as figuras nascidas em Vila Franca de Xira, que se foram destacando nas suas áreas, mas a nível nacional e artístico e a principal é Alves Redol.

António Alves Redol foi considerado um dos expoentes máximos do neo-realismo português. De origens rurais e pobres, começou cedo a trabalhar, e as suas condições de vida seriam mais tarde marcantes na sua escrita. Em 1927 publicou o primeiro artigo no semanário *Vida Ribatejana*, e foi sempre publicando mesmo depois de ter ido para Luanda, de onde enviava crónicas em que já se notava uma certa consciencialização dos problemas sociais. Quando regressou teve um papel muito activo na vida cultural de Vila Franca, e deu palestras e conferências no Grémio Artístico Vilafranquense, falando dos seus artigos e das suas experiências em África. Juntou-se com um grupo de amigos que hoje é designado Grupo Neo-Realista de Vila Franca, que desempenhou uma acção político-cultural bastante intensa. Escreveu sucessivamente livros como “*Gaibéus*”, “*Nasci com Passaporte de Turista*”, “*Avieiros*” entre outros, e alguns desses romances estão traduzidos em várias línguas. Nos seus romances destaca-se a variedade de personagens de vários estratos sociais e carácter de intervenção social, apontando a desigualdade da sociedade portuguesa.

Alves Redol esteve sempre ligado a Vila Franca, e o seu trabalho reflecte a identidade da cidade no século XX. Em Vila Franca de Xira e está destacado o seu nome, numa das artérias principais da cidade, num conjunto de edifícios onde se colocou também um monumento em sua homenagem, uma das escolas secundárias também tem o seu nome, e a sua presença está fortemente marcada no Museu do Neo-Realismo.

Também se pode destacar Álvaro Guerra, pseudónimo de Manuel Soares, igualmente nascido em Vila Franca, escritor, político, diplomata e jornalista. Assim como Redol, as suas obras têm carácter social.

Além destes personagens existem elementos que aparecem frequentemente representados na toponímia da cidade, como os Campinos, Avieiros, Toureiros, Forcados, Varinas, elementos relacionados com o rio Tejo, com as Lezírias e com a História Local.



Fig. 45 – Placa de identificação da Rua António Palha: personagem marcante.

II.2.8 A IMAGEM E A ICONOGRAFIA

As cidades reúnem aspectos muito importantes na vida dos seus habitantes. São um aglomerado de tradições, cultura, economia, e história, e estes constituem o espelho identitário de todos os que lhes pertencem.

No caso de Vila Franca de Xira, está bastante presente a intenção de conservar tradições, traços de cultura, marcos históricos e outras marcas de identidade da cidade, tanto por parte das entidades administrativas como dos cidadãos, expressando-os no Espaço Público.

Vila Franca encontra-se extremamente ligada à Tauromaquia, uma grande parte das tradições estão fortemente ligadas à Festa Brava e a Autarquia faz esforços para que se continue a valorizar essas tradições, organizando e divulgando eventos, de vários géneros, mas sempre com a intenção de dinamizar a cidade. Os cidadãos têm neste aspecto um importante papel, pois mantém os costumes, e organizam-se também em privado em grupos que preconizam actividades tradicionais, e juntam-se para celebrar e enaltecer tradições. A Praça de Toiros Palha Blanco é recentemente utilizada para outro tipo de espectáculos que não eventos ligados à tauromaquia, de forma a promover o espaço privilegiado e as suas características a não aficionados da Festa Brava.



Fig. 46 – Toiros, Neo-Realismo, Desporto, Rio Tejo – temas de um cartaz publicitário.

Com a globalização as cidades apresentam cada vez mais os mesmos serviços e características precisando, para se destacar das demais, de ter a sua identidade bem marcada.

A crescente concorrência entre cidades faz com que seja necessário pensar em estratégias para aumentar a competitividade de cada uma, e para isso por todo o mundo são efectuados planos de marketing das cidades. Esses planos são em geral elaborados por ordem das entidades responsáveis pela administração das cidades e são compostos de vários elementos como a criação

de uma marca, a fortificação da imagem da cidade, a realização de eventos, e a instalação de arte pública em locais estratégicos, e posteriormente a divulgação de todas estas medidas.

A criação da uma marca e um logotipo faz parte dessa estratégia.



Fig. 48 – Logotipo da Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira.

Fonte: <http://www.vfxira.pt>



Fig. 47 – Brasão de Vila Franca de Xira (1922).

Fonte: <http://www.vfxira.pt>

A imagem da cidade também é composta de símbolos, mas esses símbolos vão para além do brasão e do logotipo, embora estes identifiquem a autarquia, a comunidade e que seja resultado de elementos da memória ou da etnografia do povo.

Outro aspecto que se pode destacar na imagem e marca da cidade são os elementos de comunicação elaborados pelas entidades e em Vila Franca pode-se destacar o Boletim da Junta de Freguesia que divulga projectos, notícias, exposições e campanhas, e também o Boletim da Câmara Municipal “Saber & Lazer” que apresenta como um roteiro de actividades do concelho. Além deste boletins, e numa abordagem diferente, existe um seminário regional “O Mirante”, e duas publicações importantes “A Voz Ribatejana” jornal quinzenal local e a “Vida Ribatejana” uma revista trimestral. Estes elementos são importantes porque se dedicam a divulgar as notícias da terra, assim como actividades lúdicas, culturais e desportivas aos cidadãos.



Fig. 49 – Capa de um boletim “Saber & Lazer” responsabilidade da Câmara Municipal de Vila Franca

CONCLUSÕES

O objectivo central deste trabalho era compreender em que consiste a identidade das cidades avaliando os seus componentes. Pensamos que tal objectivo tenha sido alcançado. Nomeadamente, tratava-se de clarificar a importância dos elementos simbólicos do espaço urbano, da sua localização nos espaços públicos, os seus conteúdos, formas de expressão e relação com o contexto espacial e vivencial. No caso estudado, de Vila Franca de Xira, é importante determinar a sua capacidade de diferenciação no contexto metropolitano.

Para este estudo procedeu-se a uma categorização dos elementos marcantes, de acordo com as suas características, e foram elaboradas fichas desses mesmos elementos, com o levantamento dos dados através de trabalho de arquivo. Foi também efectuado um levantamento fotográfico dos elementos estéticos e dos eventos.

Inicialmente colocaram-se algumas perguntas através das quais se pretendia chegar ao conceito de “Identidade da Cidade”. Como resultado do levantamento e análise efectuado, pode-se responder:

O que é a identidade da cidade? Pode-se definir o conceito através de um conjunto de componentes que permitem que determinada cidade seja diferenciada de outras, através de elementos de relação entre o seu simbolismo e o espaço público.

Pode-se criar uma identidade ou temos de procurar encontrar uma já existente? Neste caso de estudo verificou-se que a identidade está em primeiro lugar ligada ao território e à sua relação com as actividades, personagens, tradições e costumes de Vila Franca. Por isso a sua identidade apenas é reforçada pelas estratégias usadas (embora haja outros casos em que é necessário criar temáticas que dêem suporte à construção de uma identidade).

Quais são os elementos principais na sua constituição? Consideraram-se como componentes da identidade, a Arte Pública, o Espaço Público, os Edifícios, os Eventos, os Outros Elementos Informais e também não menos importante a Estrutura Associativa, as Instituições Identitárias, a Toponímia, as Personagens, a Imagem e Iconografia. Verificou-se que no seu conjunto estes componentes permitem distinguir Vila Franca de Xira de todas as outras cidades da área metropolitana de Lisboa, e, que são recorrentes numa relação com o território, os elementos ligados à agricultura mas também ligados à história local, ao Neo-Realismo e ao trabalho, no seu simbolismo.

Pode o espaço público transformar a cidade e proporcionar-lhe identidade? No caso de Vila Franca de Xira o lugar no espaço público dos elementos identificados é concentrado numa área relativamente pequena e maioritariamente em espaços de forte centralidade como a avenida que estrutura a vila da Praça de Toiros até à Estação e à Ponte, espaços nos quais se desenrolam por sua vez os eventos e as outras referências identitárias, com um simbolismo ligado aos temas fortes da cidade.

A arte pública ou os eventos são independentes entre si? E são suficientes para criar ou fortalecer a identidade da cidade? A arte pública, quando colocada na cidade como parte de uma estratégia, é referente a uma temática e permite que no conjunto se conte uma história. Os eventos usualmente também giram em torno de uma temática. Mas do caso estudado resulta que necessitam de estar bem consolidados numa coerência e consistência com um quadro espacial, temporal e simbólico, para melhor exercerem esse papel.

E a imagem é apenas uma questão de marketing ou é preciso ter em atenção os significados reais das iconografias e narrativas? Quando se cria a imagem da cidade é necessário ter em atenção a “realidade” dos elementos que compõem a identidade, os seus significados e simbologia porque a imagem tem de estar associada à experiência e ao sentido real da diferenciação.

Todas as questões colocadas respondem a aspectos importantes em relação à identidade das cidades em geral. Portanto, conclui-se que a identidade pode ser reforçada através de vários elementos, que giram em torno de uma temática autêntica, que estão ligados a tradições e aspectos que diferenciam a cidade de outras, e o espaço público seja vivenciado de acordo com o simbolismo pré-existente.

Como conclusão do trabalho pode-se destacar na morfologia urbana com uma forte relação topográfica com o rio Tejo, a importância das infra-estruturas que apertam a cidade longitudinalmente (auto-estrada e linha dos caminhos-de-ferro), e o posicionamento dos componentes da identidade, que se encontram concentrados e que não são em grande número mas são consistentes na repetição dos mesmos temas.



LEGENDA

- Arte Pública
- Edifícios Marcantes
- Espaço Público
- Outros Elementos Marcantes
- ▨ Lezírias
- Ponte
- Auto-estrada
- Linha de caminhos-de-ferro
- Vias principais
- Rio Tejo

Conclui-se quanto aos conteúdos temáticos da identidade que Vila Franca está cultural e socialmente ligada ao campo, mais precisamente às lezírias. O trabalho no campo foi um importante factor de desenvolvimento da cidade quanto à população que se foi fixando para ali trabalhar. Assim como o rio, pelos mesmos motivos, vinham pescadores de vários lugares do país para se estabelecerem em Vila Franca e beneficiarem das características do rio Tejo, e das comunidades que o habitavam. Apesar da evolução dos tempos, o campino e o avieiro são profissões que ainda existem e são importantes e muito características em Vila Franca de Xira.

Os elementos que se identificam em primeiro lugar com Vila Franca de Xira estão interrelacionados: a Praça de Toiros Palha Blanco, o Tejo, os Campinos, a Ponte, o Colete Encarnado e as largadas de toiros. Estes são símbolos da identidade da cidade, com forte relação territorial e vivencial permitindo diferenciar Vila Franca das outras localidades da área metropolitana de Lisboa.

É visível na toponímia da cidade a referência constante a elementos importantes, o que denota no espaço público a importância de certos elementos mesmo que imateriais. Neste trabalho não pôde ser feita a análise detalhada desses elementos por falta de tempo e preparação, mas nota-se a relevância que tem certos grupos sociais (campinos, toureiros, varinas, avieiros), personagens (Alves Redol, José Falcão), ou datas históricas (1º de Dezembro) na toponímia.

No caso da Arte Pública, conclui-se que embora não havendo um catálogo de grande diversidade e quantidade, existe uma consistência com os eventos e a vida do quotidiano da cidade através dos temas. Para esta análise foram escolhidos também alguns elementos não formais visto que por vezes têm tanta ou maior importância pelas suas características, uso ou simbolismo, tanto na memória do colectivo como nas memórias pessoais. Também nestes elementos informais notou-se a concentração num determinado tema, reforçando a identidade da cidade.

Assim, comparando o caso da cidade de Almada com Vila Franca, conclui-se que mesmo com menos elementos de arte pública, menos actuais, menos protagonistas no espaço pública e com uma escala mais discreta, há em Vila Franca uma ligação mais forte com os elementos do imaginário identitário, ligados aos elementos do território, às actividades e grupos sociais. Embora menos traduzido como estratégia, e em linguagens artísticas mais inerentes à população, os temas muito definidos têm um papel importante na identidade da cidade. Das funções normais da arte pública, aquelas que em Vila Franca têm mais importância não são elementos de atracção ou orientação, mas sim os que constroem narrativas, constituem herança, são parte da memória colectiva e são fortes em simbolismo.

Por limitações de tempo não foi feita uma análise tão extensa como seria possível sobre cada um desses elementos, pelo que as fichas (Anexos) apenas acrescentam alguns elementos à sua descrição, com fotos e mapas de localização, mas poderiam ser mais completas, com outros componentes importantes para a definição e compreensão das peças e do seu simbolismo.

Por exemplo no caso da arte pública, fez-se apenas uma análise à sua relação com o espaço público e com os temas envolvidos no simbolismo sem ser exaustivo na sua interpretação e análise plástica, porque a economia da investigação não permitiu entrar nos detalhes de cada peça.

Apesar destas limitações pensamos que este trabalho pode servir como base para a construção de um catálogo dos componentes da identidade, que serviria para divulgar e manter organizados os elementos que são tão importantes para a consolidação dessa identidade, numa boa relação com a vida quotidiana no espaço público.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Borja, J., & Castells, M. (1997). *Local and global : the management of cities in the information age*. London: Earthscan Pub.
- Borja, J., & Muxí, Z. (2003). *El Espacio Público e Ciudadania*. Barcelona: Electa.
- Brandão, P. (2002). *O Chão da Cidade, Guia de Avaliação do Design do Espaço Público*. Lisboa: Centro Português do Design.
- Brandão, P. (2008). *A Identidade dos lugares e a sua representação colectiva: bases de orientação para a concepção, qualificação e gestão do espaço público*. Lisboa: DGOTDU, D.L.
- Brandão, P. (2011). *Sentido da Cidade*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Brandão, P., & Remesar, A. (2000). *O espaço público e a interdisciplinaridade = El espacio público y la interdisciplinaridad*. Lisboa: Centro Português do Design.
- Brandão, P., & Remessar, A. (2003). *Design de espaço público : deslocação e proximidade*. Lisboa: Centro Português do Design.
- Braun, E. (2004). *City Image and City Identity*. Obtido em Maio de 2011, de CRII - Cities Regain Identity and Image: <http://www.crii-online.net/>
- CMVFX. (1998). *O Concelho em que vivemos*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de VFX.
- Couceiro, J. (1998). *Urbanidade e Património*. Lisboa: IGAPHE, D.L.
- Cullen, G. (1971). *Paisagem Urbana*. Lisboa: Edições 70.
- Lamas, J. (2004). *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lucas, M. J. (2003). Vila Franca de Xira, Urbanismo e Identidade. In C. Simplicio, *Vila Franca de Xira, tempos do rio, ecos da terra*. Vila Franca de Xira: Câmara Municipal de VFX.
- Lynch, K. (1980). *Planification del Sitio*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A.
- Lynch, K. (1990). *A Imagem da Cidade*. Lisboa: Edições 70.
- Pol, E., & Valera, S. (1999). Symbolisme de l'espace public et identité sociale. *Villes en parallèle - Ville et environnement, approche psychosociologique*.

- Portas, N. (2011). *A cidade como arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Raimundo, O. (2011). *Vila Franca de Xira: Saber Mais Sobre... Património de Castanheira do Ribatejo e Vila Franca de Xira*. Vila Franca de Xira: CMFVX.
- Remessar, A. (1997). Public Art an Ethical Approach. In A. Remessar, *Urban Regeneration, a Challenge for Public Art*. Barcelona: Monografias de Barcelona.
- Rossi, A. (1995). *A Arquitectura da Cidade*. São Paulo: Edições Cosmos.
- Silva, G. d. (1990). *Alves Redol e o Grupo Neo-Realista de Vila Franca*. Lisboa: Editorial Caminho.

OUTROS ELEMENTOS CONSULTADOS

- Álvaro Guerra - *Wikipedia, a enciclopédia livre*. (08 de 2012). Obtido de http://pt.wikipedia.org/wiki/%C3%81lvaro_Guerra
- Álvaro Guerra | *História de Portugal*. (08 de 2012). Obtido em 05 de 2012, de <http://www.historiadeportugal.info/alvaro-guerra/>
- Art Públic*. (07 de 2012). Obtido de http://w10.bcn.es/APPS/gmocatleg_monum/CambiaIdiomaAc.do?idioma=en&pagina=welcome
- Barcelona.com : Barcelona Guide & Services. We are Barcelona*. (07 de 2012). Obtido de <http://www.barcelona.com>
- Câmara Municipal de Almada*. (08 de 2012). Obtido de <http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xid=cmav2>
- Câmara Municipal Vila Franca de Xira*. (2012). Obtido de <http://www.cm-vfxira.pt>
- Casa da Cerca*. (08 de 2012). Obtido de http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/CASA_CERCA/CERCA/?cer=1&actualmenu=4222189&cerca_casa_da_cerca=4222312&cboui=4222312

De Barcino a BCN. Historia de la ciudad de Barcelona. (07 de 2012). Obtido em Julho de 2012, de
http://www.bcn.cat/historia/index_es.htm

eCivitas | Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira. (2012). Obtido de
<http://www.jf-vfxira.pt/>

Guia de la ciudad, turismo en Barcelona. (07 de 2012). Obtido em Julho de 2012, de
http://es.barcelona.com/guia_ciudad

Naturales - correio da tauromaquia ibérica. (09 de 2012). Obtido em Agosto de 2012, de
<http://www.naturales-tauromaquia.com/>

Vila Franca de Xira. (2012). Obtido de
<http://www.vfxira.com>

CMVFX. (07 de 2012). *Património Cultura online - Museu Municipal de Vila Franca de Xira.* Obtido em
09 de 2011, de
<http://sig.cm-vfxira.pt/inwebmmvfx/geral.aspx>

Fundo Local da Biblioteca Municipal de Vila Franca de Xira

ANEXOS

FICHAS DE IDENTIFICAÇÃO DOS ELEMENTOS IMPORTANTES PARA A IDENTIDADE DE VILA FRANCA DE XIRA

Monumento ao Campino



Inauguração:
10 de Julho de 1982

Autor:
Domingos Soares Branco

Localização:
Largo Rodrigo César Pereira

Material:
Bronze

DESCRIÇÃO

Escultura de dimensões consideráveis, representando a lide dos campinos com os toiros no campo. Foi a primeira obra escultórica a ser mandada construir para colocar no espaço público em Vila Franca de Xira. Foi inaugurada por uma comissão composta por Tertúlias Vilafranquenses, com a presença do Ministro da Cultura Dr. Francisco Lucas Pires, por altura da celebração do 50º Aniversário da Festa do Colete Encarnado.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A obra está colocada no pequeno jardim do Largo Rodrigues César Pereira, num espaço central, que resulta de um cruzamento de ruas importantes da cidade. No largo termina a Avenida Pedro Víctor, a Rua Dr. Jacinto Nunes e a Rua Alves Redol que dá início à Rua Luís de Camões, todas ruas principais de Vila Franca de Xira.

A escultura tem um lugar de destaque, tanto pela altura a que está colocado, como pelo afastamento dos edifícios envolventes, o que permite que seja visível de várias pontos.

Monumento ao Toureiro



Inauguração:
29 de Setembro de 2011

Autor:
Rui Fernandes



Localização:
Praça Marquês de Pombal (Junto à
estação ferroviária de Vila Franca de Xira)

Material:
Bronze

DESCRIÇÃO

Esta escultura pretende homenagear todos os toureiros, pela sua arte, destreza e coragem. Os toureiros são elementos marcantes da cultura tauromáquica e por isso importantes para a população vilafranquense. Foi uma iniciativa da Câmara Municipal, Junta de Freguesia, Tertúlias, Associações, Colectividades e Instituições de Vila Franca de Xira.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A obra está colocada num espaço de grande importância da cidade, a Praça Marquês de Pombal é local de chegadas, através da estação ferroviária, e faz parte da primeira impressão que fica ao chegar a Vila Franca de Xira.

Monumento ao Forcado



Inauguração:
6 de Maio de 2007

Autor:
José Miguel Franco de Sousa



Localização:
Largo Junto à Praça de Toiros Palha Blanco

Material:
Bronze

DESCRIÇÃO

A escultura de homenagem aos forcados foi edificada no ano em que o Grupo de Forcados Amadores de Vila Franca de Xira comemorou 75 anos de fundação. É uma obra hiper-realista que representa uma pega de caras e pretende exaltar a arte necessária para executar essa tarefa com coragem, força e destreza.

É uma escultura imponente e de grandes dimensões, o toiro tem quatro metros de comprimento e mais de três metros de altura, assim como o forcado da cara e o primeiro ajuda têm mais de dois metros de altura.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está situada num largo em frente à Praça de Toiros Palha Blanco e perto da entrada do Parque Urbano. Além de ser um espaço em destaque e perto do principal elemento da tauromaquia vilafranquense, a Praça de Toiros, o facto de estar perto do Parque Urbano onde se realizam tantos eventos da cidade, faz com que seja um elemento marcante no espaço.

Monumento à Varina



Inauguração:
2003

Autor:
Rui Fernandes



Localização:
Paralela à Rua Luís de Camões

Material:
Bronze

DESCRIÇÃO

Esta escultura de homenagem às varinas é uma forma de realçar o papel importante que as mulheres dos pescadores tiveram na sociedade vilafranquense. As varinas vendiam peixe a retalho, peixe que sobrava da faina ou era dado como forma de pagamento pelos patrões, de canastra à cabeça apregoavam pelas ruas de Vila Franca de Xira.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se numa rua pedonal que liga a zona do Mercado com a zona da Câmara Municipal. Está em destaque, não pelas suas dimensões, mas pela imagem que representa.

Monumento a Alves Redol



Inauguração:
2004

Autor:
Mestre Lagoa Fernandes



Localização:
Praceta do Edifício Alves Redol

Material:
Bronze

DESCRIÇÃO

A estátua nua de Alves Redol é a mais polémica peça escultórica da cidade. A obra apresenta o escritor a olhar para o horizonte, sentado sobre pedras, mas a questão problemática para algumas pessoas é o facto do escritor estar nu, apenas com uma boina basca na cabeça e um livro sobre a perna esquerda.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Faz parte do espaço em frente ao edifício Alves Redol, situa-se no meio da praceta que é ladeada pela rua principal da cidade. Tem um lugar de destaque e por se tratar de uma personagem importante de Vila Franca, é um elemento de referência.

Pelourinho de Vila Franca de Xira



Datas:

Construção - séc XVI

Demolição - séc. XVIII

Reconstrução - séc. XIX

2ª demolição - séc. XIX

2ª reconstrução - séc. XX

Localização:

Praça Afonso de Albuquerque

Material:

Mármore

DESCRIÇÃO

De arquitectura civil, judicial, manuelina, barroca e revivalista, está situado no centro de Vila Franca de Xira, na Praça Afonso de Albuquerque, em frente aos Paços do Concelho.

Tem fragmentos de várias épocas, que coincidem com as reconstruções que foi sofrendo, pois foi sendo completado por elementos comuns à época.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se no meio da principal praça da cidade, onde está colocado em destaque e em frente ao edifício dos Paços do Concelho. É o elemento marcante da praça e serve a sua função como elemento de orientação.

Muro da Identidade



Inauguração:
28 de Junho de 2010



Localização:
Travessa do Cerrado

DESCRIÇÃO

É um elemento de arte pública informal, que consiste na requalificação de um espaço, transformando-o num lugar de convívio e lazer.

Como forma de homenagem a várias entidades e figuras da cidade, tem expostas várias placas antigas com nomes de ruas, praças e largos.

Também existem bancos e árvores, de modo a melhor receber quem ali quiser ficar por um momento.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A intervenção situa-se num local onde existia um muro, porém estava em más condições e ao ser recuperado transformou toda a envolvente.

Fica numa zona de passagem, e tornou-se num elemento de arte, com o qual a população se identifica.

Azulejaria



Aparecimento:
séc. XX

Localização:
Por toda a cidade

DESCRIÇÃO

A azulejaria faz parte do património de Vila Franca de Xira, pode ser vista em vários locais espalhados pela cidade, em maior parte na rua, em edifícios comuns, embora os que mais se destaquem sejam os da Estação Ferroviária e do Mercado Municipal.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Os painéis de azulejo estão espalhados pela cidade, essencialmente em edifícios das ruas Cândido dos Reis, Miguel Bombarda e João de Deus. Estão inseridos nas fachadas dos edifícios e exibem diversos motivos.

Jardim Municipal Constantino Palha



Inauguração:
séc. XX

Requalificação:
2011

Localização:
Entre o rio Tejo e a linha de caminho-de-ferro

Autor:
Francisco Caldeira Cabral

DESCRIÇÃO

Passeio Público convertido em Jardim de estadia na década de 50 do séc. XX. Orientação no sentido NE . SW, sendo constituído por três arruamentos longitudinais, incluindo um passeio paralelo à linha de costa, de onde se pode apreciar o rio. Possui uma pérgula rectangular com duas entradas a partir do caminho principal. Esta construção com cobertura em traves de madeira, assente por colunas em alvenaria, com pavimento em pedra, alberga junto aos seus limites vários bancos de madeira, orientados uns frente aos outros, constituindo assim uma sala de estar ao ar livre. Existe ainda um coreto mandado construir pela Câmara Municipal em 1931.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Espaço entre a rio Tejo e a linha de caminho-de-ferro criado com a intenção de promover o isolamento visual e sonoro da linha de caminho-de-ferro.

Cais de Vila Franca de Xira



Datas:

Mencionado no foral de 1510

Requalificação:

2011



Localização:

Junto ao Jardim Municipal, à beira do rio Tejo

DESCRIÇÃO

Espaço comercial por excelência, muito importante até ao séc. XX. Com a diminuição do uso primário tornou-se num local degradado que apenas servia de espaço de estacionamento casuístico. Em 2011 foi feita uma intervenção integrada na requalificação da frente ribeirinha da cidade, a qual pretende devolver a zona aos peões em detrimento do automóvel. Essa intervenção foi vencedora do 8º Prémio Nacional de Arquitectura Paisagista 2012, na subcategoria de requalificação do espaço público - desenho urbano.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

É limitado pelo rio Tejo, Jardim Municipal, e linha de caminho-de-ferro. Tem uma forte relação com o rio e apesar de já não ter um papel importante para o comércio, serve de cais para vários barcos de recreio.

Parque Urbano



DESCRIÇÃO

Espaço público de cerca de 2 hectares, é um lugar amplo, palco de vários eventos, incluindo a Feira de Outubro. Sofreu uma acção de reformulação em 2003, e o pavilhão existente foi substituído pelo “Pavilhão Multiusos” em 2011. As novas condições permitem albergar vários tipos de eventos e espectáculos musicais, culturais ou desportivos.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situado entre a estrada nacional e o rio Tejo na entrada Sul da cidade, é de fácil acesso, o que facilita quando se realizam eventos que pretendem atrair muitas pessoas.

Caminho Pedonal Ribeirinho



Inauguração:
Outubro de 2008

Conclusão da obra:
Outubro de 2011

Localização:
Desde o Jardim Municipal até Alhandra

DESCRIÇÃO

O caminho pedonal ribeirinho é um espaço de lazer e recreio que permite que se faça um percurso entre Vila Franca e Alhandra, junto ao rio. Tem uma ciclovia, bancos colocados em consolas sobre o rio, algumas árvores e equipamentos de preparação física. Faz parte do plano de recuperação da frente ribeirinha de Vila Franca.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Tem início no Jardim Municipal, atravessa o Cais, segue junto ao rio até ao Parque Urbano, onde tem uma passagem aérea sobre a linha de caminho-de-ferro, e termina em Alhandra.

Estação Ferroviária



Construção:
séc. XIX / XX



Localização:
Praça Marquês de Pombal

DESCRIÇÃO

Estação de caminho-de-ferro construída no séc. XIX, em que se destacam os painéis de azulejo, que mostram temas do quotidiano, relacionados com o trabalho do campo, as vindimas, os animais, os barcos no Tejo e episódios históricos.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se no final da Rua Serpa Pinto, no Largo Marquês de Pombal. É um elemento de orientação, de chegada e de partida à cidade. No largo tem um monumento de homenagem ao toureiro.

Igreja Matriz de Vila Franca de Xira



Datas:

Construção - 1677

Reconstrução - séc. XVIII

Remodelação - séc. XX

Localização:

Largo Conde de Ferreira

DESCRIÇÃO

A Igreja Matriz de São Vicente Mártir, pertencia à Ordem Terceira de São Francisco. Sofreu uma reconstrução após o Terramoto de 1755, quando ficou completamente destruída. Mais tarde já no séc. XX sofreu uma remodelação. Estas alterações descaracterizaram-na por completo. Todos os anos no início da Festa do Colete Encarnado, celebra-se na Igreja Matriz uma missa *rocieira*.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situada numa zona antiga da cidade, está um pouco afastada do centro.

Igreja da Misericórdia



Datas:

Construção - séc. XVI
Reconstrução - séc XVII
Restauro - séc. XX



Localização:

Largo da Misericórdia

Materiais:

Alvenaria mista, reboco pintado, cantaria de calcário, estuque, ferro forjado, azulejo

DESCRIÇÃO

Foi construída em 1563, quando o alvará régio de D. Sebastião a tornou propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira. Foi reconstruída após o Terramoto de 1755, e sofreu obras de restauro no séc. XX por iniciativa de um grupo de cidadãos.

A Igreja tem uma planta longitudinal composta pela justaposição de 2 rectângulos, o edifício apresenta uma volumetria paralelepípedica, e a cobertura é efectuada por telhado de 3 águas.

Os muros interiores estão decorados com azulejos monocromos com cenas alusivas às 14 Obras da Misericórdia e por 5 composições pictóricas a óleo sobre tela, com cenas da cidade de Cristo.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se quase no centro da cidade, próximo do centro do poder político, indo de encontro à imagem de prestígio e destaque que a confraria procurava.

Igreja do Mártir Santo São Sebastião

**Datas:**

Construção - séc. XVI
Reconstrução - séc. XVIII
Restauro e alteração de uso- séc. XX

Localização:

Rua Dr. Miguel Bombarda

Materiais:

Alvernaria mista, reboco pintado, cantaria de calcário, estuque e madeira pintada

DESCRIÇÃO

A Igreja foi fundada pelo rei D. Sebastião, em 1576, devido à 'Peste Grande' de 1569, calamidade que originou a construção de várias ermidas dedicadas a São Sebastião. Na capela-mor, os elementos decorativos mais predominantes são para além do retábulo rocaille - em talha dourada e policromada - o tecto em abóbada de canhão com estuque pintado.

A planta da Igreja é composta por 2 rectângulos justapostos, e o edifício apresenta uma volumetria paralelepípedica escalonada, e a cobertura é efectuada por telhados diferenciados a 2 águas.

Em 2001, foi adaptada a Núcleo Museológico de Arte Sacra, e o seu espaço expositivo contem a exposição 'Vila Franca de Xira - Formas de Devoção' que entre outros objectos, apresenta a Colecção Antoniana do Dr. Vidal Batista, diversos registos de devoção e materiais de arqueologia.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está situada longe do centro da cidade, numa zona antiga.

Antigo Hospital da Misericórdia



Datas:

Construção - séc. XVIII

Remodelação e alteração de uso - séc. XX

Localização:

Largo da Misericórdia / Travessa do Hospital

DESCRIÇÃO

O Hospital foi fundado por iniciativa da Irmandade do Espírito Santo, e depois passou para a posse da Santa Casa da Misericórdia.

A planta do edifício é composto pela combinação de vários corpos rectangulares, e tem uma volumetria escalonada, e a cobertura é efectuada por telhados de 2 a 3 águas. Tem acesso à Igreja da Misericórdia através de uma porta na capela-mor ao lado da tribuna.

No séc. XX foi remodelado após ter sofrido alguns ataques aquando da implantação da República, e foi alterado o seu uso para lar e centro de dia.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se junto à Igreja da Misericórdia, perto do centro da cidade.

Mercado Municipal



Inauguração:
1929

Intervenção:
2005

Localização:
Rua Dr. António José de Almeida / Rua
António Maria Eugénio de Almeida / Rua
António Palha

DESCRIÇÃO

O mercado é um marco da vida económica e social da cidade, bem como uma referencia artística, pela sua arquitectura e pelos painéis de azulejo que o revestem.

O edifício é composto por um piso térreo, de planta rectangular, e cujo espaço interno é organizado em dois corredores que vão de portão a portão e dividem o espaço em quatro quarteirões. Os alçados são iguais dois a dois. Nas fachadas destacam-se os painéis de azulejo da Fábrica de Louças de Sacavém, que representam, cada um, uma estação do ano e os restantes são relativos ao quotidiano da região.

Em 2005 houve uma intervenção em todas as fachadas e retiraram-se os azulejos para restauro. E também foram feitos arranjos exteriores ao mercado.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se no centro da cidade, em local de destaque, especialmente após as obras de requalificação da envolvente.

Praça de Touros Palha Blanco



Inauguração:

30 de Setembro de 1901

Autor:

Manuel Ferreira dos Santos

Localização:

Campo do Cevadeiro / Campo Cinco de Outubro / Rua Luís de Camões

DESCRIÇÃO

Faz parte do património colectivo da cidade, e é propriedade da Santa Casa da Misericórdia de Vila Franca de Xira, que a entrega em regime de concessão a empresas especializadas.

A Praça tem planta circular com volumetria cilíndrica escalonada, e a cobertura é efectuada por telhados a 1e 3 águas. O edifício tem 3 pisos dispostos de forma concêntrica (cada um de menor diâmetro), e são articulados entre si através de escadarias exteriores contíguas aos alçados.

A arena central, é circular, coberta de areia e vedada por uma cerca de madeira separada das bancadas por um corredor. E as bancadas, dispostas em círculo, são parcialmente cobertas por um telheiro.

Alberga numa das ala, o Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se na entrada Sul da cidade, e está posicionada em destaque. É um elemento de atracção forte para a cidade. No largo em frente está colocado um monumento de homenagem aos forçados.

Museu Etnográfico de Vila Franca de Xira



Localização:
Ala da Praça de Touros Palha Blanco

DESCRIÇÃO

Museu integrado na Praça de Toiros Palha Blanco, apresenta uma exposição permanente de carácter etnográfico sobre o trabalho e as profissões tradicionais das lezírias, como fatos de pescadores, avieiros e varinos, mas também fatos de tourear.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está localizado numa ala da Praça de Toiros Palha Blanco.

Casa Museu Mário Coelho



Inauguração:
Outubro de 2001



Localização:
Travessa do Alecrim

DESCRIÇÃO

Mário Coelho nasceu a 25 de Março de 1936, e sempre sonhou em ser toureiro. Tornou-se matador de touros e deixou marca nas arenas de todo o mundo. A casa onde nasceu foi transformada em Casa Museu em 2001 e permite aos visitantes ficar a conhecer mais sobre a vida e carreira de Mário Coelho, através de fotografias, troféus, trajes de luzes e um conjunto de peças ligadas à história da tauromaquia.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se perto da Igreja Matriz, numa rua pouco movimentada.

Museu do Neo-Realismo



Datas:

Fundação - 1990

Renovação em local actual - 2007

Localização:

Rua Alves Redol

Autor:

Alcino Soutinho

DESCRIÇÃO

O Museu do Neo-Realismo foi criado em 1990, com base na actividade de um Centro de Documentação sobre o movimento neo-realista português. Conta com um património extenso e diversificado, com várias colecções museológicas, destacando-se espólios literários e editoriais, arquivos documentais, acervos iconográficos, obras de arte, bibliotecas particulares e uma biblioteca especializada na temática neo-realista.

O actual edifício foi inaugurado em 2007, e permite uma melhor fruição das obras expostas.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está situado no centro da cidade, na Rua Alves Redol, uma das principais artérias da cidade, e pela sua arquitectura destaca-se claramente dos edifícios da envolvente. Está integrado no espaço e é um elemento de atracção da cidade.

Museu Municipal



Datas:

Construção - séc. XVIII

Remodelação e alteração de uso - séc. XXI

Localização:

Rua Serpa Pinto

DESCRIÇÃO

O edifício onde se situa o Museu Municipal foi mandado construir, no séc. XVIII, para funcionar como prisão para penas de curta duração. Foi sofrendo algumas transformações ao longo dos anos e após alterações no sistema prisional, foi reformulado para servir como sede do Museu Municipal. Inaugurado em 2003 apresenta um sala de exposição permanente dedicada ao tema "Vila Franca de Xira, Tempos do Rio, Ecos da Terra", salas destinadas a exposições temporárias, centro de documentação e atelier de serviços educativos.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se no centro da cidade, na Rua Serpa Pinto. E está inserido num conjunto de edifícios, não se tornando muito evidente, mas destaca-se pela sua fachada.

Celeiro da Patriarcal



Datas:

Inauguração - 28 de Agosto de 1751

Alteração de uso - séc. XX

Localização:

Rua Luís de Camões / Rua Pedro Victor

Autor:

José Custódio de Sá e Faria

DESCRIÇÃO

O Celeiro da Patriarcal foi mandado construir em 1747 por iniciativa do Patriarca de Lisboa, mas só ficou concluído em 1751.

Em 1836 foi adquirido pela Companhia das Lezírias do Tejo e Sado, e mais tarde na 2ª metade do séc. XX serviu como anexo de um estabelecimento de ensino. Actualmente funciona como local por excelência de realização de exposições temáticas.

Tem planta rectangular, volumetria paralelepípedica e a cobertura é efectuada por telhados de 2 águas. É composto por apenas um piso e no interior reconhecem-se 3 naves, com cobertura em abóbada de berço.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Situa-se no centro da cidade, e tem um papel importante, pela sua função. É um elemento de atracção. No largo em frente está colocado um monumento de homenagem ao campino.

Edifício dos Paços do Concelho



Inauguração:
1983



Localização:
Praça Afonso de Albuquerque

DESCRIÇÃO

Edifício de arquitectura popular urbano tradicional foi modificado pela introdução de novos elementos construtivos eruditos típicos da estética ecléctica dos finais de oitocentos/inícios de novecentos.

É onde funcionam os principais serviços da Câmara Municipal.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está situado no centro da cidade, e determina o centro político.

Destaca-se da envolvente, não pela sua imponência arquitectónica, mas pela seu posicionamento em relação à Praça Afonso de Albuquerque. Em frente tem colocado o Pelourinho de Vila Franca de Xira.

Duatlo das Lezírias



Periodicidade:
Anualmente em Fevereiro

Localização:
Lezíria e beira rio

DESCRIÇÃO

Em Fevereiro realiza-se o Duatlo das Lezírias, que já conta com mais uma dezena de edições, com o apoio da Camara Municipal, e de associações desportivas. As provas decorrem durante um fim-de-semana, e inserem-se em campeonatos e taças nacionais de várias categorias.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

O núcleo da prova situa-se no Cais do Cabo da Lezíria, e este evento promove uma ligação entre o rio, a Lezíria e a cidade. E é um elemento de atracção de dezenas de desportistas profissionais e amadores.

Corrida das Lezírias



Periodicidade:
Anualmente em Março

Localização:
Partida e chegada no Parque Urbano

DESCRIÇÃO

A Corrida das Lezírias é um prova clássica do calendário de corridas, e funciona como uma preparação para a Meia-Maratona de Lisboa que se realiza depois. A prova principal faz um percurso por toda a cidade, e abrange um circuito citadino e rural, com diferente tipos de piso: asfalto, terra batida e relva.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A Corrida inicia se termina no Parque Urbano, e desenvolve-se num circuito pela cidade, possibilitando aos participantes uma outra forma de percorrer a cidade.

Mês do Sável / Campanha da Gastronomia



Periodicidade:
Anualmente entre Março e Abril (Mês do Sável) e Novembro (Campanha de Gastronomia)



Localização:
Restaurantes do Concelho

DESCRIÇÃO

Anualmente, em Março, decorre o Mês do Sável. Os restaurantes do Concelho servem sabores provenientes da sua ligação ao campo e ao rio e o prato principal é o sável frito com açorda de ovas. Em Novembro, decorre a Campanha da Gastronomia, também nos restaurantes do Concelho, mas desta vez promove-se sabores fortes como o Torricado com Bacalhau Assado, a Dobrada à Vila Franca, a Caldeirada Mista, o Coelho da Horta, a Galinha de Cabidela, o Ensopado de Borrego, o Ensopado de Enguias e o Cozido de Carnes Bravas.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Acontece em vários restaurantes do concelho e é um elemento de atracção.

Festa do Campo, da Lezíria e do Cavalo



Periodicidade:
Anualmente em Maio

Localização:
Entre a cidade e o cabo da lezíria

DESCRIÇÃO

Com início numa sexta-feira e até domingo, a Festa do Campo, da Lezíria e do Cavalo consiste num conjunto de iniciativas que pretendem enaltecer a herança cultural ligada a Vila Franca de Xira. Durante os três dias decorrem várias actividades que incluem: jornadas técnico-científicas de Medicina Veterinária, romaria a N. Senhora de Alcamé que inclui o embarque da imagem de Nossa Senhora de Alcamé a bordo do barco varino “Liberdade”, concurso de poldros, treinos de forcados, largadas de vacas, aulas de toureio na Escola de Toureio José Falcão e corrida de toiros na Praça de Toiros Palha Blanco

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Acontece em vários locais da cidade, no rio e na Lezíria. É um elemento de atracção.

Dia da Cidade



Periodicidade:

Comemora-se, anualmente, no fim de semana seguinte ao dia 28 de Junho (dia da elevação da vila a cidade)

Localização:

Por toda a cidade

DESCRIÇÃO

Comemoração da elevação de Vila Franca de Xira a cidade em 28 de Junho de 1984. Consiste em vários. Nessas comemorações inclui-a distinção e homenagem de personagens importantes da cidade, e algumas actividades variadas para marcar o dia.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

As comemorações distribuem-se pela cidade.

Semana da Cultura Tauromáquica



Periodicidade:

Anualmente na semana que antecede o Colete Encarnado

Localização:

Vários locais

DESCRIÇÃO

A Semana da Cultura Tauromáquica decorre na semana que antecede as Festas do Colete Encarnado. É uma iniciativa da Câmara Municipal e do Clube Taurino Vilafranquense e consiste em diversas actividades em torno do tema 'defesa e exaltação da arte tauromáquica'.

O programa inclui exposições, colóquios, demonstrações práticas e termina com uma actuação musical. Figuras emblemáticas da tauromaquia são convidadas a relembrar as suas memórias e a partilhar a sua experiência numa arte que é parte integrante da identidade cultural do Concelho.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Decorre pela cidade, em vários locais, incluindo museus e tertúlias, e também na Praça de Toiros, na lezíria e na Escola de Toureiro José Falcão.

Colete Encarnado



Periodicidade:

Anualmente no primeiro fim-de-semana de Julho

Localização:

Por toda a cidade

DESCRIÇÃO

O Colete Encarnado é a festa principal que se realiza em Vila Franca de Xira. Desde 1932 que a cidade reserva o primeiro fim-de-semana de Julho para homenagear os campinos. As principais atracções desta festa são as largadas de toiros, os concertos, as tertúlias, a sardinha assada distribuída gratuitamente nas ruas e as corridas de toiros. O momento solene desta festa é a Homenagem ao Campino, na Praça Afonso de Albuquerque, em frente ao edifício da Câmara Municipal.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Esta festa ocorre por toda a cidade, dando especial destaque à Praça de Toiros, e às ruas onde se fazem as largadas. Mas também se destacam os vários locais onde são instalados palcos por toda a cidade de modo a que a festa seja espalhada. É um forte elemento de atracção.

Feira de Outubro / Salão de Artesanato



Periodicidade:

Anualmente na primeira semana de Outubro

Localização:

Parque Urbano e Pavilhão Multiusos

DESCRIÇÃO

As primeiras referências históricas a uma Feira de Outubro em Vila Franca de Xira remontam ao séc. XVII. Esta feira está muito ligada à tradição tauromáquica da terra, e foi até ao aparecimento do Colete Encarnado a maior festa de Vila Franca.

Os principais elementos são as largadas e corridas de toiros, os carrosséis, a animação e as barraquinhas da feira.

No Pavilhão Multiusos decorre o Salão de Artesanato, onde se podem encontrar peças em madeira, couro, latão, filigrana, doçaria de várias regiões, e muitos outros produtos variados, do concelho mas também de todo o país.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A festa concentra-se no Parque Urbano, e nas ruas onde se efectuam as largadas de toiros. É um forte elemento de atracção.

Corridas de Toiros



Periodicidade:
Entre Março e Outubro

Localização:
Praça de Toiros Palha Blanco

DESCRIÇÃO

A Praça de Toiros Palha Blanco é palco para várias corridas de toiros em Vila Franca. A cultura tauromáquica da cidade atrai muitos aficionados.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Ocorrem na Praça de Toiros Palha Blanco, e em conjunto são um elemento importante de atracção da cidade.

Largadas de Toiros



Periodicidade:

Duas vezes por ano, durante o Colete Encarnado e durante a Feira de Outubro

Localização:

Rua Joaquim Pedro Monteiro / Rua Curado / Rua Serpa Pinto / Rua 1º de Dezembro

DESCRIÇÃO

Pelas festas do Colete Encarnado e durante a Feira de Outubro, são largados nas ruas de Vila Franca toiros para que os aficionados e também qualquer visitante possam mostrar a sua valentia. As ruas são vedadas através de tronqueiras, as montras e portas protegidas e colocada areia no chão. Os toiros são largados e distribuídos por 2 ou 3 zonas, durante algumas horas.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

As largadas ocorrem numa das artérias principais da cidade e durante esses dias, altera-se o esquema normal de transito. Este, embora não seja um evento independente, é um importante atractivo da cidade.

Chafariz do Alegrete



Datas:

Inauguração - 1797

Deslocado para localização actual - 1953



Localização:

Largo Carlos Pato

DESCRIÇÃO

O Chafariz do Alegrete estava inicialmente colocado na Rua do Alegrete e foi reconstruído no Largo Carlos Pato em 1953. É um elemento marcante por fazer parte do património histórico da cidade.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está colocado em local de destaque no Largo Carlos Pato.

Barco Varino "Liberdade"



Datas:

Construção - 1945

Renovação - 1988

Recuperação - 1999



Localização:

Cais de Vila Franca de Xira

DESCRIÇÃO

O "Liberdade" é um barco varino que foi construído em 1945, em Abrantes, e tinha como função o transporte de bens no rio Tejo. Esteve algum tempo encalhado na década de 60 do séc. XX mas em 1988 foi recuperado e iniciou uma nova função, desta vez servir de barco de passeio, regatas e cruzeiros. Em 1999 foi feita uma recuperação das suas características originais e em 2001 passou a ser um Núcleo Museológico do Museu Municipal de Vila Franca de Xira e navega ao serviço de grupos de crianças, jovens, adultos e idosos do concelho.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está atracado no Cais de Vila Franca de Xira e é um elemento importante de várias actividades do município, fazendo travessias entre o Cais de Vila Franca e o Cais do Cabo da Lezíria durante a Festa do Campo, da Lezíria e do Cavalo, participando na procissão da Senhora de Alcamé, e também participando em provas desportivas.

Ponte Marechal Carmona



Inauguração:
30 de Dezembro de 1951

Localização:
Sobre o rio Tejo

DESCRIÇÃO

A Ponte Marechal Carmona é dos elementos da identidade de Vila Franca mais marcantes e reconhecidos. A ponte também conhecida como Ponte de Vila Franca, une as duas margens do rio Tejo que também é um símbolo da cidade.

A decisão de construir uma passagem sobre o Tejo em Vila Franca de Xira surgiu associada às pré-existentes ligações rodoviárias entre o Norte e o Sul, aos planos para a construção da Auto-Estrada, que já existiam na altura em que a ponte foi projectada, e também ao facto da ponte mais próxima de Lisboa na altura ser em Santarém.

A ponte foi a obra pública mais dispendiosa até à altura. E foi inaugurada, a 30 de Dezembro de 1951, por Salazar e pelo Presidente da República Craveiro Lopes.

Tem 1224m de comprimento com um tabuleiro central de 524m dividido em cinco vãos de 104m.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

A ponte situa-se em Vila Franca de Xira, a ligar as duas margem do rio, e tornou-se o principal ponto de passagem de e para além Tejo, especialmente quando ainda não havia em Lisboa nenhuma passagem entre margens sem ser de barco. É uma marca da cidade.

Coreto de Vila Franca de Xira



Inauguração:
1931



Localização:
Jardim Municipal Constantino Palha

DESCRIÇÃO

Coreto mandado construir pela Câmara Municipal de Vila Franca em 1931 e que faz parte do Jardim Municipal Constantino Palha.

INTEGRAÇÃO NO ESPAÇO

Está localizado no lado mais a Norte do Jardim Municipal e a sua importância está associada ao carácter de património.